



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**VANESSA MICHELI FARAOM ZANESCO**

**A POESIA DE CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN: UM CALEIDOSCÓPIO DE  
IMAGENS E MEMÓRIAS**

**CASCAVEL – PR  
2015**

VANESSA MICHELI FARAOM ZANESCO

**A POESIA DE CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN: UM CALEIDOSCÓPIO DE  
IMAGENS E MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado - área de concentração em Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem literária e interfaces sociais: estudos comparados.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz

CASCADEL – PR  
2015

VANESSA MICHELI FARAOM ZANESCO

**A POESIA DE CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN: UM CALEIDOSCÓPIO DE  
IMAGENS E MEMÓRIAS**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz  
Orientador (UNIOESTE)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima  
Universidade Católica de Goiás (UCG)  
Membro Efetivo (Convidado)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Helena Dal Molin  
Membro Efetivo (UNIOESTE)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ximena Antonia Díaz Merino  
Membro Efetivo (UNIOESTE)

---

Prof. Dr. Paulo Bungart Neto  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)  
Suplente (Convidado)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Adriana Ap<sup>a</sup> de Figueiredo Fiuza  
Suplente (UNIOESTE)

Cascavel, 11 de março de 2015.

Aos meus pais, estrelas em minha vida, pelo imenso e puro amor demonstrado sempre.  
A meu marido Vagner Zanesco, raio de sol em meu caminho, pelo grande incentivo.  
A meu filho Pietro Faraom Zanesco, pequeno ser que ainda está em meu ventre.

## AGRADECIMENTOS

Tudo que realizamos tem, de certo modo, a participação de outras pessoas, amigos, familiares, professores, Nada na vida é possível quando caminhamos sozinhos na jornada. Muitos seres tem o dom de ajudar e fazer com que outros trilhem seus caminhos de luz.

Por isso, quero agradecer,

Primeiramente a Deus, por abençoar os meus dias para que eu pudesse concluir mais esta etapa do meu caminho, permitindo-me ter saúde e determinação em todos os momentos.

A Vagner Célio Zanescio, esposo dedicado, compreensivo e amoroso por todos os momentos que não me deixou desistir.

A meus pais Valdecir Faraom e Valmi Teresinha Faraom, pelo apoio inestimável e pelos ensinamentos que me transmitiram sempre.

A meu irmão Vanderson Faraom, que sempre tem palavras alegres e demonstra gestos de carinho.

À Marcia Munhak Spegiorin, amiga e companheira de muitos anos, que muito me incentivou para chegar até aqui, sendo também luz em minha jornada.

Ao professor e orientador Antonio Donizeti da Cruz, por me mostrar o quanto a lírica é encantadora e me guiar sabiamente pelos versos da poesia.

Aos professores do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Unioeste, que foram sujeitos importantíssimos para a evolução do conhecimento.

À banca examinadora, que teceu considerações valiosas para o enriquecimento desta pesquisa.

Aos amigos Cleiser Schenatto Langaro, Elesia V. Kaiser da Silva e Adriano Rodrigues Alves pelo companheirismo durante nossas viagens e pela troca recíproca de aprendizado.

“A experiência poética não é outra coisa senão revelação da condição humana, isto é, do permanente transcender-se em que consiste justamente a sua liberdade essencial.”

Octavio Paz (2012, p. 197)

ZANESCO, Vanessa Micheli Faraom. **A poesia de Chloris Casagrande Justen: um caleidoscópio de imagens e memórias**. 2015. (86 f.) Dissertação de Mestrado em Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar representações da memória nos textos poéticos da escritora Chloris Casagrande Justen (1923), que exprime uma linguagem marcada pela subjetividade em suas palavras. A imaginação simbólica também faz parte do universo poético dos poemas analisados, por isso também se investigará como as imagens traçam contornos para criar a constituição da memória lírica e fazem refletir sobre os temas por meio da linguagem poética, que se utiliza de metáforas com um olhar diferenciado sob a lírica da poeta. Nos poemas selecionados das obras *Jogo de luz* (1993) e *Essências transfiguradas* (2011), a memória não convém como caráter informativo, mas prima pelo envolvimento de rememorar fatos que permaneceram em outro tempo, fazendo refletir sobre a realidade que foi sensorizada para constituir as imagens e a memória lírica, as quais revelam a nostalgia recorrente nos versos justinianos. Este estudo também mostra como a poética de Chloris se utiliza dos elementos Água, Ar, Terra e Fogo para o enriquecimento de seus versos. A pesquisa ainda é complementada com imagens que foram retiradas de um museu on-line, as quais reforçam a temática de cada poema. Esses apontamentos direcionam para reflexões que resultarão na contribuição para a análise da linguagem poética de Chloris Casagrande Justen, uma vez que são os seus poemas que dão lastro para a imaginação simbólica e a memória lírica que são contempladas pelo sujeito poético. Levando em consideração o tema e questionamentos levantados, realizamos um estudo destacando os recursos poéticos utilizados nos textos das obras *Jogo de luz* (1993) e *Essências transfiguradas* (2011), bem como a importância de representações da memória envolvendo os textos poéticos. A dissertação é apresentada em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo engloba o fazer poético da escritora, a memória e a imaginação simbólica presentes na poesia de Chloris Justen. No segundo capítulo são investigados os signos poéticos que trazem nos versos os quatro elementos: Água, Ar, Terra e Fogo. As imagens poéticas ganham destaque especial, abordando o essencial e o transcendental que são grande vertente na escrita da poeta. O tema da memória coletiva e individual, que envolve o atavismo e a resistência, aparece no terceiro capítulo, reforçando mais uma vez a presença do recordar. Como embasamento teórico tem-se as vozes de autores como Gaston Bachelard (1988a; 1988b; 1993; 1999; 2001; 2013a, 2013b), Gilbert Durand (1997), Octavio Paz (1993; 2012), Aleida Assmann (2011), Ecléa Bosi (1979), Alfredo Bosi (1977), Michel Pêcheux (1999), Zilá Bernd (2013).

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória, imagens poéticas, poesia, Chloris Casagrande Justen.

## RESUMEN

Esta pesquisa tiene por objetivo investigar representaciones de la memoria en los textos poéticos de la escritora Chloris Casagrande Justen (1923), que expresa un lenguaje marcado por la subjetividad en sus palabras. La imaginación simbólica también hace parte del universo poético de los poemas analizados, por eso también se investigará como las imágenes trazan contornos para crear la constitución de la memoria lírica y hacen reflejar sobre los temas por medio del lenguaje poético, que se utiliza de metáforas con una mirada diferenciada en la lírica de la poeta. En los poemas seleccionados de las obras *Jogo de luz* (1993) y *Essências transfiguradas* (2011), la memoria no conviene como carácter informativo, pero prima por el involucramiento de recordar hechos que permanecerán en otro tiempo, haciendo reflejar sobre la realidad que fue sentida para constituir las imágenes y la memoria lírica, las cuales revelan la nostalgia recurrente en los versos justenianos. Este estudio también muestra como la poética de Chloris se utiliza de los elementos Agua, Ar, Tierra y Fuego para el enriquecimiento de sus versos. La pesquisa aún es complementada con imágenes que fueron retiradas de un museo on-line, las cuales refuerzan la temática de cada poema. Esos apuntes direccionan para reflexiones que resultaran en la contribución para el análisis del lenguaje poético de Chloris Casagrande Justen, una vez que son sus poemas que dan lastro para la imaginación simbólica y la memoria lírica que son contempladas por el sujeto poético. Levando en consideración el tema y cuestionamientos levantados, realizamos un estudio destacando los recursos poéticos utilizados en los textos de las obras *Jogo de luz* (1993) y *Essências transfiguradas* (2011), bien como la importancia de representaciones de la memoria involucrando los textos poéticos. La disertación es presentada en tres capítulos, siendo que el primer capítulo engloba el hacer poético de la escritora, la memoria y la imaginación simbólica presentes en la poesía de Chloris Justen. En el segundo capítulo son investigados los signos poéticos que traen en los versos los cuatro elementos: Agua, Ar, Terra y Fuego. Las imágenes poéticas ganan destaque especial, abordando el esencial y el trascendental que son grande vertiente en la escritura de la poeta. El tema de la memoria colectiva e individual, que envuelve el atavismo y la resistencia, aparece en el tercer capítulo, reforzando más una vez la presencia del recordar. Como embasamiento teórico tiene-se las voces de autores como Gaston Bachelard (1988a; 1988b; 1993; 1999; 2001; 2013a, 2013b), Gilbert Durand (1997), Octávio Paz (1993; 2012), Aleida Assmann (2011), Ecléa Bosi (1979), Alfredo Bosi (1977), Michel Pécheux (1999), Zilá Bernd (2013).

**PALABRAS-CLAVE:** Memoria, imágenes poéticas, poesía, Chloris Casagrande Justen.

## ABSTRACT

This research aims to investigate the memory representations in poetic texts of Chloris Casagrande Justen writer (1923), which expresses a language marked by subjectivity in her words. The symbolic imagination is also part of the poetic universe of the analyzed poems, so also investigate how the images trace contours to create the constitution of lyrical memory and cause reflection on the issues through poetic language, which uses metaphors with a differentiated look in the lyric poet. In the selected poems of works *Light Game* (1993) and *Essences transfigured* (2011), the memory should not as informative, but press the involvement of remembering facts that remained in another time, making reflect on the reality that was sensed to be the images and lyrical memory, which show the applicant nostalgia in justinianos verses. This study also shows how the poetics of Chloris using elements of Water, Air, Earth and Fire for the enrichment of his verses. The survey is complemented with images that were taken from an online museum, which reinforce the theme of each poem. These direct appointments will point to reflections that result in contributing to the analysis of poetic language of Chloris Casagrande Justen, as its her poems that backing for the symbolic imagination and lyrical memory that are acontemplated by the poetic subject. Considering the theme and raised questions, we conducted a study highlighting the poetic devices used in the texts of works *Light Game* (1993) and *transfigured Essences* (2011), and the importance of memory representations involving the poetic texts. The dissertation is presented in three chapters, the first chapter includes the poetic to the writer, memory and symbolic imagination present in the poetry of Chloris Justen. In the second chapter investigates the poetic verses signs that bring us the four elements: Water, Air, Earth and Fire. The poetic images receive special attention, addressing the essential and the transcendental that are big part in the writing of poet. The theme of collective and individual memory, which involves the atavism and resistance, appears in the third chapter, reinforcing once again the presence of the recall. As theoretical foundation has been the voices of authors such as Gaston Bachelard (1988a; 1988b; 1993; 1999; 2001; 2013th, 2013b), Gilbert Durand (1997), Octavio Paz (1993; 2012), Aleida Assmann (2011), Ecléa Bosi (1979), Alfredo Bosi (1977), Pêcheux (1999), Zilá Bernd (2013).

**KEYWORDS:** Memory, poetic images, poetry, Chloris Casagrande Justen.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 01</b> – Landscape with Waterfall.....	21
<b>FIGURA 02</b> – Peasant Kermis (Kermese in a Village).....	25
<b>FIGURA 03</b> – The Dancer La Goulue and Valentin Le Désossé Dancing in the Moulin Rouge.....	29
<b>FIGURA 04</b> – De vlinders.....	31
<b>FIGURA 05</b> – Ruit met moreskan.....	36
<b>FIGURA 06</b> – Wolkenstudie.....	41
<b>FIGURA 07</b> – Seascape from the Zeeland Waters, near the Island of Schouwen....	45
<b>FIGURA 08</b> – Wooded View near Barbizon.....	48
<b>FIGURA 09</b> – Drie vogels: een staartmees, een Pimpelmees en Klapekster of Grote Klauwier.....	50
<b>FIGURA 10</b> – A Young Girl Reposing.....	52
<b>FIGURA 11</b> – De maand Mei: rozet met gestileerde bladen.....	56
<b>FIGURA 12</b> – Musicerend gezelschap bij kaarslicht.....	59
<b>FIGURA 13</b> – Círculos & Círculos.....	65
<b>FIGURA 14</b> – De hulpverlening tijdens de watersnood van 1926, symbolisch voorgesteld.....	67
<b>FIGURA 15</b> – Detailontwerp van een vrouwenhoofd voor een affiche voor het International Eucharistisch Congres gehouden te Amsterdam van 22-27 juli 1924...	71
<b>FIGURA 16</b> – Ein Windstoss.....	73
<b>FIGURA 17</b> – Italian Landscape with Umbrella Pines.....	75
<b>FIGURA 18</b> – Uil met bril en boeken.....	76

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 POESIA, MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA EM CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN.....</b>	<b>20</b>
<b>2 IMAGENS POÉTICAS: O ESSENCIAL E O TRANSCEDENTAL NA POÉTICA JUSTINIANA A PARTIR DOS ELEMENTOS: ÁGUA, AR, TERRA E FOGO...39</b>	
2.1 IMAGENS DO ELEMENTO ÁGUA: TRANSITORIEDADE.....	45
2.2 O ELEMENTO AR: TRANSCENDÊNCIA.....	47
2.3 O ELEMENTO TERRA: CONSTÂNCIA.....	51
2.4 O ELEMENTO FOGO: ILUMINAÇÃO.....	54
<b>3 A MEMÓRIA LÍRICA E SOCIAL NOS VERSOS DE JUSTEN.....</b>	<b>58</b>
3.1 ATAVISMO E RESISTÊNCIA.....	66
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

Escrever um poema é decifrar o universo para poder cifrá-lo de novo. O jogo da analogia é infinito: o leitor repete o gesto do poeta: a leitura é uma tradução que transforma o poema do poeta no poema do leitor.

Octavio Paz (2012, p.79)

Nessa pesquisa estuda-se as obras *Jogo de luz* (1993) e *Essências transfiguradas*<sup>1</sup> (2011) da escritora curitibana Chloris Casagrande Justen. Nos textos analisa-se como a imaginação simbólica faz parte do universo poético, e ainda como as imagens poéticas e a memória lírica são fatores essenciais para a análise dos poemas da escritora.

Chloris Casagrande Justen – filha de Isaura Raymundo Casagrande e José Casagrande – nasceu em 15 de setembro de 1923, é viúva do Desembargador Marçal Justen, com o qual teve três filhos: Chloris Justen de Oliveira, Liana Márcia Justen e Marçal Justen Filho.

Desde muito cedo Chloris manifestou seu comprometimento com as palavras. Na obra *Chloris: uma história de resistência*, a autora Teresa Teixeira de Britto pergunta para a poeta “– E o dom de escrever quando se manifestou? Chloris: – Ah! Muito cedo, ainda muito menina, eu fazia minhas composições!” (BRITTO, 2007, p. 64). Chloris Justen formou-se professora cursando o magistério no ano de 1940, exercendo a profissão por muitos anos. Além de docente, Chloris cumpriu muitas outras funções: Conselheira do Conselho Estadual de Educação e de inúmeros projetos Estaduais e Municipais; Representante do UNICEF em Congressos e Cursos Brasileiros; e do Brasil na Conferência Interamericana de Alfabetização da América Latina, Governadora da Região Brasil do Soroptimismo Internacional das Américas. Foi também Fundadora, Conselheira e Presidente do Conselho do Magistério do Paraná e ainda implantou o Grupo Administrativo – Pedagógico – SEED – Paraná. Participa da Academia Sul Brasileira de Letras e da Academia de Cultura de Curitiba, entre outras. (QUEIROZ, 2007). Atualmente é Presidente do Centro Paranaense Feminino de Cultura e da Academia Paranaense de Letras.

A poeta também se destaca pelas inúmeras homenagens e prêmios que já recebeu: Do Governo do Estado, Placa de Bronze, no saguão do Instituto de

---

<sup>1</sup> Obra bilíngue, apresentando como segundo idioma o inglês.

Educação do Paraná; Diploma de Mérito com Painel Colonizadores, de Potty; da Assembleia Legislativa do Paraná recebeu o Troféu Pinhão de Ouro, Placas de Prata, Láurea Cento e Cinquenta anos de Curitiba, e Diplomas de Mérito; do Soroptimismo Internacional das Américas Região Brasil; títulos de Soroptimista Destaque e Soroptimista Emérita; e na comunidade Santa Marta, em Brasília, o “Pavilhão Chloris Casagrande Justen”; entre outros tributos. (QUEIROZ, 2007).

Chloris Casagrande Justen é autora das obras em versos que estão sendo analisadas: *Jogo de Luz* (1993) e *Essências Transfiguradas* (2011). É também escritora de *O Estatuto da Criança e do Adolescente e a Instituição Escolar* (1990); *Conversando sobre o Soroptimismo*, obra de crônicas; da pesquisa *História do Paraná no Sistema Estadual de Ensino; Tratamento Curricular da História do Paraná no Ensino Fundamental e Médio*. É autora, igualmente do Anteprojeto da Lei Estadual número 13.381/2001, Tratamento Pedagógico da História e Geografia do Paraná, no Sistema de Ensino. Organizou e participou das coletâneas: *Com justiça e com afeto*, volumes I (1994) e II (1999), crônicas de Juízas, esposas, viúvas e filhas de Magistrados do Paraná; *Mulheres Escrevem*, de associadas do Centro Paranaense Feminino de Cultura; *O Soroptimista em Minha Vida* por Soroptimistas dos Clubes de Curitiba. (QUEIROZ, 2007).

Todas essas referências mostram o quanto Chloris sempre esteve envolvida e colaborou com a educação de forma intensa. Em entrevista cedida a Teresa Teixeira de Britto que organizou a biografia da autora, *Chloris: uma história de resistência*, (2007) Justen diz:

A grande ventura da existência humana é poder chorar, sentir profundamente todas as coisas, é saber degustar lentamente em taça de cristal puro, esse vinho saboroso que é a vida! Como educadora, espargindo conhecimentos, atuei no processo da evolução intelectual de muitos seres. Fui espelho, fui reflexo. Como mulher fui esposa, sou mãe, avó e bisavó! Então reafirmo, fiz a escolha certa. (*In*: BRITTO, 2007, p. 305).

As palavras da poeta destacam sua importância no meio cultural e da educação. Sua preocupação com o ser humano e sua sensibilidade diante do fazer poético e da vida também são evidentes. Chloris fala para Teresa:

Na época certa, foi plantada em mim a semente que germinou, que resultou na minha maneira de ser, pois tudo o que faço ou escrevo,

tenho preocupação com a beleza, com a bondade! E quero como resultado, algo que beneficie o aprimoramento do ser humano. [...] Sou feliz com o caminho que escolhi, porque me possibilitou vivenciar ricas experiências. Não fiquei nos limites da interpretação. Em vez de passar a vida interpretando personagens fictícios, eu vivo a vida real. E essa vida escolhida, proporcionou-me captar a beleza na sua essência. Como por exemplo, observar a singela praça de uma cidade do interior, ou a chuva caindo sobre a mata. (In: BRITTO, 2007, P. 304)

Chloris também recebeu uma homenagem de Shyrlei Maria de Andrade Queiroz, professora e escritora, que publicou no ano de 2007 a obra em versos *Alma gêmea: Tributo a Chloris Casagrande Justen*. No livro, ao mesmo tempo em que Shyrlei faz uma apresentação da vida de Chloris, ainda a homenageia com versos muito bem ritmados.

A admiração pela poeta também aparece na abertura do livro *Jogo de luz* (1993). Helena Kolody assim se expressa sobre a poesia de Justen:

Há pessoas que nascem com um destino de estrelas: brilham todos os quadrantes de seu universo. Estrela de 1ª grandeza, Chloris Casagrande Justen ilumina com o fulgor de sua inteligência privilegiada diversos mundos de nossa vida cultural. [...] Sensível e vibrante harpa eólia, pássaro azul cantando na árvore do mundo, Chloris nos encanta, agora, com seu livro de poesias. Exigente, a poetisa aprimorou a forma como quem burila um vaso de cristal, para dar um recipiente digno à beleza de suas rosas poéticas. Versos cantantes e bem ritmados musicalizam o livro, iluminado por delicadas pinturas verbais. (In: JUSTEN, 1993, p. 3)

Na obra *Essências transfiguradas* (2011), Ivan Justen Santana, neto de Chloris, escreve versos que homenageiam sua avó:

#### VÓ CHLORIS

Quebre silêncios com sua voz,  
Mostre as ruas de pó, a praça matriz:  
Ilumine a vida para que todos nós  
Brilhemos em folha, fruto, caule e raiz!  
(In: JUSTEN, *Essências Transfiguradas*, 2011, p. 121)

Na mesma obra, Monica Spezia Justen por meio de um poema também reverencia a poeta Chloris:

## CHLORIS EM ESSÊNCIA

Um vulto forte, porém frágil, se aproxima.  
Com versos, ela convence sua plateia.  
Com palavras e ritmos, ela colore o cenário:  
Seja primavera ou verão, outono ou inverno.

Mestre da natureza, ela lava seu caminho,  
Com modos suaves, seus poemas se impõem,  
Com sonhos e orações, recompensa o viver  
De homens e mulheres, de crianças a brincar.

Chloris: testemunha de seu tempo,  
Através de palavras e rimas,  
A essência de nossas vidas.  
(In: Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 7)

A partir dessas homenagens vemos que a poeta está viva não somente nos versos, mas também, espalha sua poesia na vida das pessoas que convivem com Chloris. Em sua obra podem ser detectadas experiências vivenciadas por ela, mostrando que a literatura muitas vezes, apresenta novos sentidos à realidade, pois a obra de arte “[...] Não é o resultado da experiência individual, mas social. Um único indivíduo não pode dar conta da realidade. O poeta consegue ser o porta-voz da sua classe, ou do futuro.” (SAMUEL, 2002, p.13). Sendo assim, a literatura é um meio que eleva o pensamento do homem, torna-o mais crítico e o impulsiona a evoluir intelectualmente.

A escritora Chloris, por meio de sua poesia, contribui significativamente para a literatura. Em relação à poesia Octavio Paz tece a seguinte reflexão:

Todas as artes, especialmente a pintura e a escultura, por serem formas, são coisas; por isso podem ser guardadas, vendidas e transformadas em objetos de especulação monetária. A poesia também é coisa mas é muito pouca coisa: está feita de palavras, uma lufada de ar que não ocupa lugar no espaço. Ao contrário do quadro, o poema não mostra imagens, nem figuras: é um conjuro verbal que provoca no leitor, ou no ouvinte, um fornecedor de imagens mentais. A poesia se ouve com os ouvidos mas se vê com o entendimento. Suas imagens são criaturas anfíbias: são ideias e são formas, são sons e são silêncio. (PAZ, 1993, p. 143)

Chloris Casagrande Justen, através de seus poemas exprime uma linguagem marcada pela subjetividade, e faz refletir sobre os temas pelos versos poéticos, que se utilizam de metáforas com um olhar diferenciado sob a lírica da escritora. O poema não é interpretado como outras formas de linguagens, ele tem suas

peculiaridades e recursos distintos a serem explorados, por isso se distingue das outras artes. O poema é, segundo Paz:

[...] um caracol onde ressoa a música do mundo e metros e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todos os rostos mas há quem afirme que não possui nenhum: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! (2012, p. 21)

O teórico confirma a distinção que envolve a linguagem elaborada dos poemas, reafirmando suas características próprias, a simbologia que ganham as palavras nesses textos, bem como sua difícil elaboração, partindo das características destacadas por Paz.

A partir das reflexões tecidas pelo teórico em relação à poesia e pensando no sentido que a mesma tem, estuda-se nessa pesquisa as imagens poéticas e a memória lírica, para tanto é indispensável refletir sobre a imaginação simbólica, a constituição das imagens poéticas, o papel da memória e a realidade sensoriada para a elaboração dos poemas. O estudo dos textos dentro de sua complexidade poética faz-se necessário, haja vista sua riqueza temática, simbólica e de memória.

Essas indagações direcionam para reflexões que resultarão na contribuição para a análise dos poemas de Chloris Casagrande Justen. Porém, é o texto literário da poeta que é observado para responder aos questionamentos, uma vez que são os seus poemas que dão lastro para a imaginação simbólica e a memória lírica que são contempladas pelo sujeito poético.

As imagens produzidas pela palavra poética são os elementos encontrados nos textos da artista, sendo que a fenomenologia “[...] obriga a ativar a participação da imaginação criadora, pois o objetivo de toda fenomenologia é colocar, no presente, o presente da imagem.” (BARBOSA, 2004, p. 48) que constitui principalmente, a formação social e a memória, como meio de perdurar acontecimentos do tempo que é abordado de modo central nos temas justinianos; comuns são as metáforas e elementos que a ele remetem.

Desse modo, na abordagem do tempo como tema inscreve-se a reflexão acerca da memória e “Os sonhos, os pensamentos, as lembranças formam um único

tecido” (BACHELARD, 1993, p. 181) que foram transpostos para os textos poéticos que têm sentidos plurais, cada verso do poema, cada signo direciona para a compreensão da poesia. Nas palavras de Maria de Fátima Gonçalves Lima:

O texto poético forma-se por uma teia feita de plurissignificação. Esta teia de significados que compõe o discurso que, por sua vez, constrói um tecido de enunciados integrados por níveis extremos, como o simbólico e o sonoro. No encontro destes níveis é acionada a corrente do poético, que funciona com um movimento de cargas elétricas de um condutor de sentidos. (2012, p. 102)

Partindo dessa premissa, estabelecemos um estudo destacando os recursos poéticos utilizados nas obras *Jogo de luz* (1993), e *Essências transfiguradas* (2011), bem como evidenciamos a importância da leitura e a análise dos textos poéticos, confirmando que “O poema é uma possibilidade aberta a todos os homens, qualquer que seja seu temperamento, seu ânimo ou sua disposição. Assim, o poema é apenas isto: possibilidade, algo que só se anima em contato com um leitor ou um ouvinte.” (PAZ, 2012, p. 33).

Para essa pesquisa faz-se necessário também certificar a relevância social e histórica que o estudo da poesia de Chloris Justen tem para a sociedade, relevância que está na contribuição para investigações não realizadas antes, uma vez que a obra da poeta ainda não foi analisada nos meios acadêmicos, sendo sua poesia pouco conhecida no panorama atual da literatura paranaense e brasileira. Por isso, a importância dessa dissertação que é a primeira que estuda a obra de Chloris Casagrande Justen.

Nesse sentido, esse objeto de estudo foi selecionado como forma de contribuir para a difusão da poesia paranaense e brasileira, concomitantemente com a importância dos estudos que envolvem a análise dos textos em versos.

Outro fator que demonstra a relevância dessa investigação é no intuito de posteriormente, a poesia da escritora ser reconhecida e analisada por alunos de nível fundamental, médio e universitário.

Por meio do tema proposto, acreditamos que é possível desempenhar um trabalho coerente e significativo, buscando não apenas descrever os recursos e significações presentes nos poemas, mas também demonstrar o potencial das obras *Jogo de luz* (1993) e *Essências transfiguradas* (2011) e, conseqüentemente, seu valor dentro do contexto literário.

Um texto literário só é uma obra que transforma a sociedade a partir do momento que ela é lida. Quando o mundo literário é sensoriado e passa a integrar o imaginário do leitor, as palavras passam a ter vida e a interagir com as significações possíveis deste imaginário e de um possível real ao qual tocam ou apontam ou para o qual acenam, e, depois de ter se entrelaçado a um possível novo tecido, a uma amálgama diversificada a literatura terá seus efeitos múltiplos para o leitor e seguramente para a comunidade em que vive, que se estenderá, conseqüentemente ao mundo sócio cultural. Para Antonio Candido:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (1976, p.74).

Os escritores ao produzirem obras literárias, estão desempenhando de forma significativa seus papéis sociais oferecendo um simulacro da realidade, os rituais permanecem vivos no simulacro, ainda que sejam rituais de uma dissimulação da realidade social em cena. A complexidade da realidade global influencia no devir do indivíduo e do mundo. As partes e o todo mantêm suas dependências no olhar paradoxal.

Para que se compreenda esse simulacro da realidade analisamos o significado dos elementos simbólicos e sua relevância para a compreensão da poética da escritora; discutimos como a memória lírica é representada nas obras em estudo e localizamos diferenças e semelhanças entre poemas, compreendendo o estilo de linguagem utilizado nos textos poéticos. Para que os objetivos fossem alcançados utilizamos como suporte a pesquisa bibliográfica.

Deste modo, vê-se que a pesquisa orienta para o aperfeiçoamento do trabalho por meio de leituras que contribuem para a análise do *corpus* escolhido e fundamenta-se na fenomenologia, na crítica e na literatura comparada. Dessa forma, será realizada a análise e a interpretação dos textos, tendo pressupostos teóricos de Aleida Assmann: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), Gaston Bachelard e as obras: *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (2013a); *A dialética da duração* (1988a); *A Poética do*

*Devaneio* (1988b); *A Poética do Espaço* (1993); *A psicanálise do fogo* (1999); *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças* (2013b); *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento* (2001), Elyana Barbosa: *Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação* (2004), Alfredo Bosi: *O ser e o tempo da poesia* (1977), Ecléa Bosi: *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1979), Teresa Teixeira Britto: *Chloris: uma história de resistência* (2007), Antonio Candido: *Literatura e sociedade: estudos da teoria e história literária* (1976), Antonio Donizeti da Cruz: *Helena Kolody: a poesia da inquietação* (2010) e *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody* (2012), Gilles Deleuze: *Proust e os signos* (2003), Gilbert Durand: *As estruturas antropológicas do imaginário* (1997), Vera Lúcia G. Felício: *A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos* (1994), Amauri de Lima: *Identidade, memória, oralidade e escrita em Narradores de Javé* (2009), Maria de Fátima Gonçalves Lima: *A imaginação material e a poética das águas em João Cabral* (2012), Octavio Paz: *A outra voz* (1993) e *O arco e a lira* (2012), Michel Pêcheux: *Papel da memória* (1999), Michael Pollak: *Memória, esquecimento, silêncio* (1989) e *Memória e identidade social* (1992), Roger Samuel: *Novo manual de teoria literária* (2002), Zilá Bernd: *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros* (2013).

Esta pesquisa está composta por três capítulos, sendo que o primeiro capítulo intitulado *Poesia, Memória e Imagem Simbólica em Chloris Casagrande Justen*, engloba o fazer poético da escritora, a memória e a imaginação simbólica presentes na poesia de Justen, relacionando sempre um elemento ao outro. Destaca-se como os versos justinianos recorrem constantemente ao passado por meio de signos que fazem a imaginação do leitor ser ativada. No capítulo recorre-se também a utilização de algumas imagens, as quais foram selecionadas de um museu on-line, e que servem para tematizar o poema em questão.

No segundo capítulo intitulado *Imagens Poéticas: o essencial e o transcendental na poética justiniana a partir dos elementos: Água, Ar, Terra e Fogo*, são investigados os signos poéticos que trazem nos versos os quatro elementos: Água, Ar, Terra e Fogo, que são analisados a partir das teorias de Bachelard, sendo que os mesmos são subdivididos para uma melhor visualização de cada elemento na poesia de Chloris. As imagens poéticas ganham destaque especial, abordando o essencial e o transcendental que são grande vertente na escrita da poeta. Assim

como no primeiro capítulo, novamente alguns poemas são seguidos de imagens que reforçam a temática do poema.

No terceiro capítulo *A memória lírica e social nos versos de Justen*, é analisada a memória coletiva e individual na poética da escritora, envolvendo o atavismo e a resistência que aparecem nos textos poéticos, reforçando mais uma vez a presença do recordar, o que direciona para um retorno de valores e origens, bem como a realidade que circunda os seres. A apresentação de imagens também ocorre nesse capítulo.

## 1 POESIA, MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA EM CHLORIS CASAGRANDE JUSTEN

[...] se há algo que inevitavelmente se foi, há, entretanto, alguma coisa que fica. O que fica das pegadas no chão da memória? Fica o que significa [...] ou o que significa passa a ficar?

Guilles Deleuze (2003, p. 11-12)

Na poesia é constante o processo da imaginação, que incide no desenvolvimento do pensar e as relações entre acontecimentos presentes e passados. Por meio da poesia a linguagem é a testemunha da vida na medida em que o escritor faz a língua vibrar, fende-a, arrasta-a e movimenta o pensamento em jogo infinito de luz e sombra, mostrando assim, o lado obscuro e cavernoso das dobras da alma humana. Quem escreve faz um pacto com a linguagem. Escrever é dar sentido à vida. É a própria vida que flui na escrita e faz com que o homem se redescubra e se reconheça no processo da criação. Criar é aligeirar, é descarregar a vida. É inventar novas possibilidades de vida.

Os textos poéticos de Chloris Casagrande Justen apresentam imagens poéticas e símbolos que dão lastro à memória lírica por meio das palavras e da simbologia presentes na obra da escritora. Para tanto, é imprescindível salientar que “[...] a poesia é transcendência, contemplação, força que edifica e revigora o homem frente às vicissitudes da vida.” (CRUZ, 2012, p. 66). Dessa forma, a análise que envolve esse estudo mostrará também a importância dos textos poéticos como modo de elevação do pensamento.

A poesia de Chloris Casagrande Justen apresenta os temas por meio da linguagem simbólica, o processo que envolve a linguagem poética, os símbolos e a memória com um olhar diferenciado, olhar que traz significados distintos para a poesia. Como exemplo, no poema que segue há uma linguagem repleta de símbolos:

### RIO CANTANTE

A vida é rio cantante  
Em busca do arco-íris

Turbilhão,  
Presa dos ventos,  
Quedas, correntes, cascatas.

Mas adiante,  
Alvissareiro,  
Leito ameno de águas claras.

Cedo ou tarde  
O arco-íris  
Põe sonhos por sobre o rio.  
(JUSTEN, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 97)



Figura 1<sup>2</sup> – Landscape with Waterfall<sup>3</sup>

Fonte: Isaacksz, Jacob. (1668) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/17532--emma-boomkamp/groen-en-luchtig/objecten#/SK-C-210,0>

As imagens rio, arco-íris e cascatas direcionam para a significação que está implícita nos versos. Nesse, como em outros poemas, por meio da linguagem poética, os significados dos textos vão sendo desenvolvidos através dos símbolos. Nas duas obras que foram analisadas, os poemas de Justen exploram os sentidos das imagens, que segundo Vera Lúcia Felício:

Na poesia, a imagem não é apresentada concretamente por signos (palavras), mas é, de início, assinalada, aludida por eles, criando dificuldades para representar aquilo que é dado numa linguagem

<sup>2</sup> Com exceção da figura 13, as imagens que aparecem ao longo do trabalho pertencem ao site <https://www.rijksmuseum.nl>. O próprio museu autoriza o uso das imagens e incentiva as pessoas a utilizar as mesmas.

<sup>3</sup> Tradução: Paisagem com cachoeira.

cifrada. O poeta fornece somente “chaves” para a *rêverie* e não realiza as imagens concretamente, como o pintor ou escultor, graças aos quais uma imagem ganha corpo e solicita diretamente a sensibilidade. Os signos que fixam a imagem poética pedem que se reconstrua a *rêverie* criativa, pois apenas indicam onde encontrá-la, mas não a representam explicitamente. (FELICIO, 1994, p. 49. Grifos da autora)

No poema “Rio cantante” a água aparece diversas vezes, e de várias formas “rio cantante”, “quedas, correntes, cascatas”, “águas claras”, que segundo Gilbert Durand aparecem como meio:

[...] ambivalente, ambivalência que Bachelard reconhece como boa-fé ao denunciar o “maniqueísmo” da água. Essa água lustral tem imediatamente um valor moral: não atua por lavagem quantitativa mas torna-se própria substância de pureza, algumas gotas de água chegam para purificar um mundo inteiro. (DURAND, 1997, p.172. Grifo do autor)

Tal pureza por meio da água explicada pelo teórico, pode revelar no poema o desejo do eu lírico de demonstrar a ambivalência de sentimentos em relação à vida e suas mudanças. Para Durand, “a própria água, cuja intenção primeira parece ser lavar, inverte-se sob a influência das constelações noturnas da imaginação: torna-se veículo por excelência da tinta.” (1997, p. 222). No poema é perceptível a mistura de sentimentos que envolve o sujeito poético.

Neste poema o que se destaca é a água como elemento propagador de luz, de conhecimento. Mesmo sob as formas mais diversas, a água é o elemento representativo da transitoriedade, do movimento e da transformação, nesse caso, a vida. O eu poético mergulha nas águas profundas do tempo. E apresenta, através de palavras, a realidade existencial do homem. Mostra-nos que, com o tempo, tudo se transforma.

Na figura 1 “Landscape with Waterfall” podemos observar as cores e a ação da imagem que representam as quedas, correntes e cascatas que aparecem nos versos, as quais unidas ao som que podemos imaginar da água corrente fazem com que a imagem seja uma representação do poema “Rio cantante”.

Cabe dessa forma ao leitor atento refletir e sensoriar, segundo sua cosmovisão que nasce de seus ritos, mitos e vivências as imagens poéticas para que elas ganhem sentidos para si, tal como no texto “Tuiuti – Champagnat”, que

ocorre uma linguagem repleta de signos que traçam contornos para criar a constituição da memória lírica:

### **Tuiuti – Champagnat**

Os jardins sombreados do velho colégio  
 Conservam belezas de um tempo de preces  
 Onde résteas de luz, entre galhos filtrados,  
 Revelam, intenso, verdades eternas.

No alegre bulício dos jovens de agora  
 O velho colégio tomou outras cores:  
 Caminhos surgiram no verde da grama,  
 Mil vozes apagam cantares de outrora.

Não mais suavidade de passos solenes  
 Ou súplica humilde na doce capela.  
 Há três gerações a trocar seus valores  
 Na busca incessante de grandes conquistas.

O saber tem facetas iguais aos vitrais.  
 O tempo transforma, não muda a essência.  
 No singelo da prece, no agressivo da busca  
 O seguro caminho às grandes verdades.  
 (JUSTEN, *Jogo de luz*, 1993, p. 52)

O sujeito poético faz uma relação entre passado e presente, estabelecendo comparações do “velho colégio”, o adjetivo velho sugere a passagem do tempo que altera os bens materiais, entretanto “as résteas de luz” indicam que as “verdades eternas” irão perdurar e ficarão na memória daqueles que por ali passaram, pois “Há três gerações a trocar seus valores”, e a cada geração novos ideais vão sendo estabelecidos, a passagem dos anos modifica, mas no olhar do sujeito poético “não muda a essência”. É revendo imagens de uma história vivida que o eu poético transmite o conhecimento construído pela vivência. O poema faz lembrar a reflexão de Ecléa Bosi “Quanto mais pessoal, mais livre, menos socializada, menos presa a ação presente for a lembrança, mais distante, rara e fugitiva será a sua atualização pela consciência.” (1979, p. 17)

Os versos da poeta ganham sentidos que reforçam a presença da memória, e para isso precisa da imaginação que “[...] vai aparecer como uma força e como um movimento da consciência que vai ao mundo, provocando-o, para nomeá-lo e recriá-lo.” (FELICIO, 1994, p. 53). Portanto, a imaginação concede ao leitor novos

significados e novas perspectivas, partindo do fato que o poeta recria e concede novos sentidos ao mundo por meio da palavra.

O poema faz emergir a consciência da finitude desta vida, mobilizando o nosso desejo de permanência, que se inscreve no ato de lembrar e também de fazer lembrar, porque “O tempo não está fora de nós, nem é algo que passa diante dos nossos olhos como os ponteiros do relógio: nós somos o tempo, não são os anos que passam, mas nós que passamos. O tempo possui uma direção, um sentido, porque ele é nós mesmos.” (PAZ, 2012, p. 64). É o que nos parece estar, também, no sentido nostálgico do texto, que podemos também atribuir as memórias da autora, que rememora e assim homenageia o Colégio Tuiuti de Curitiba.

A imaginação simbólica e o valor dos estudos que envolvem a memória para a literatura são fundamentais, e esses elementos fazem parte dos textos da escritora. Cabe esclarecer que nos poemas de Chloris Casagrande Justen, a memória não serve como caráter informativo, mas prima pelo envolvimento de rememorar fatos que ficaram em outro tempo, já que “O evocar e recordar são formas de contemplar o mundo, a vida, as coisas.” (CRUZ, 2010, p. 118). Como exemplo, alguns versos do poema:

#### A JORNADA

Se as nossas histórias aqui desfilassem,  
Aos nossos ouvidos viriam mil sons:  
Um balde a gemer na roldana de ferro,  
O canto do pássaro em tarde a cair.

Os olhos veriam por certo outras plagas:  
As ruas de pó, a praça matriz,  
As noivas batendo seus véus e grinaldas  
No dorso eriçado ou no toldo florido,

A chuva caindo e vertendo do solo  
Um cheiro gostoso de terra molhada.  
O vale, a montanha, horizontes perdidos,  
Carroças chiando, florestas, pinheiros,

A fonte cuja água, correndo tão pura,  
Encanta e aprisiona quem dela beber.  
E o simples viver dos que têm por belezas  
As vastas campinas e o céu estrelado.

Voltando à morada, haveria talvez,  
Um tacho fervendo e um doce a pular,  
Um ar tenebroso de alguém que sofrendo

Espera chorando uma voz de razão.

[...]

Da nossa jornada, tão longa e tão breve,  
Que grandes amigos trouxemos conosco!  
Que vida vivida, sofrida, querida,  
Envolta em amor, doação e verdade.

Caminho espinhoso, coberto de rosas,  
Floresta de escuras visões tenebrosas  
Repleta de gênios e fadas bondosas.  
Assim nossa história seria contada.

E aquele que a ouvisse por certo diria  
Qual suave criança escutando encantada  
As mil maravilhas de um conto de fadas:  
- Que linda essa história! Conte ela outra vez!  
(JUSTEN, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 125)



Figura 2 – Peasant Kermis (Kermese in a Village)<sup>4</sup>

Fonte: Bloot, Pieter de. (1639) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/17532--emma-boomkamp/groen-en-luchtig/objecten#/SK-A-1468,6>

Em “A jornada” o eu lírico se reporta aos momentos vividos, utilizando-se de muitos lugares significativos “As ruas de pó, a praça matriz / chapadas, montanhas / a floresta, o pinheiro”, estes lugares representam como e onde foi vivida a infância

<sup>4</sup> Tradução: Camponês Kermis (Kermis em uma Village).

que está sendo recordada. Aqui percebe-se que “A poesia é a Memória feita imagem e esta convertida em voz. A outra voz não é a voz do além túmulo: é a do homem que está dormindo no fundo de cada homem. Tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasce.” (PAZ, 1993, p. 144-145), assim o poeta é a memória da sociedade, pois pelas palavras contempla passado e presente, que são representados pelos signos poéticos.

O universo das lembranças também é povoado por sons “Um balde a gemer / O canto do pássaro / A chuva caindo / Carroças chiando” (2011, p. 125), essas imagens associadas aos sons fazem com que o sujeito poético se incline sobre as bordas do tempo para ouvir os barulhos do passado e, por meio deles, rememorar a infância que agora ressoa no presente por meio das lembranças. De acordo com Aleida Assmann “[...] a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. Ela segue rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade.” (2011, p. 53)

Na quinta estrofe o sujeito poético rememora a simplicidade, por meio de “o tacho fervendo, o doce a pular”, compreende-se tempos em que praticamente tudo era feito em casa, a industrialização do mercado alimentício ainda não havia chegado a todos os lares. Entretanto, o advérbio “talvez”, demonstra a dúvida desse sujeito poético de saber se o retorno a velhos tempos poderia fazer com que tudo fosse ainda igual.

A amizade também aparece como forma de apresentar aqueles que seguem juntos na jornada da vida que é “tão longa e tão breve” e que sobrevivem pelas lembranças como meio de recriar os momentos e eternizar as pessoas, pois “Toda memória precisa ser reimaginada. Temos na memória microfilmes que só podem ser lidos quando recebem a luz viva da imaginação.” (BACHELARD, 1993, p. 181). Memória e imaginação se fundem todo tempo, pois uma está diretamente entrelaçada com a outra.

O recordar permite o compartilhamento que ocorre entre pessoas e grupos não em apenas um momento, mas nos dois: quando a história aconteceu e nos momentos em que ela é recordada depois, essa é uma forma do passado sobreviver, sendo recontado e assim eternizado.

.Ao observar a figura 2 “Peasant Kermis (Kermese in a Village)”, a imaginação é direcionada para outros tempos, pessoas que tranquilamente realizam suas tarefas diárias sem a pressa dos tempos modernos.

Outro fator de destaque na lírica justiniana é a representação mimética ou sequência de imagens que envolvem e prendem a atenção do leitor, como exemplifica o poema que segue:

### LEMBRANÇAS

Quantas imagens nas minhas lembranças...  
A viagem morosa, a balsa, a cancela,  
Os dias inteiros na estrada sem fim,  
A alegre chegada, o adeus da partida,

A neve esgarçada, de renda, caindo,  
O sonho encantado das grandes venturas,  
Um beijo envolvente, a saudade escondida,  
São mil os guardados na esteira da vida!

Neste hoje estuante, de rápidos meios,  
São outras vivências, agora é voar.  
A vida singela ficou no passado,  
Nos tempos modernos, lugar é cidade,

E o homem há muito já é um super-homem  
E a ciência caminha com longas passadas  
Mudando verdades do antigo saber:  
A Terra é azul, a aldeia é global.

Mas temos valores que vêm de milênios,  
Que o tempo e a ciência não podem mudar:  
Justiça, Bondade, Amor, Liberdade  
Apoiam a trama dos tempos em fuga.

Aos homens e povos de todos os séculos,  
Nos mais diferentes e múltiplos grupos,  
Chegar à harmonia e à vivência do bem:  
Ventura maior que vencer e poder.

Nos mesmos anseios de não mais errar,  
Do outrora longínquo ao hoje fugaz,  
Construir pelo bem é tarefa difícil,  
E ao bom construtor cabe muito penar.

Assim os valores se tornam eternos:  
Sofridos, batidos, doídos, brilhantes.  
Pois sempre norteiam e em todo caminho  
Projetam as vidas além, no infinito.

Passado e futuro se fundem: presente  
Nos fatos formando as figuras de sempre:  
Os mestres envolvidos em mil pergaminhos,  
Buscando o Saber, a Equidade, o Direito.

Enfim, nas imagens das minhas lembranças,

Com muitas tristezas e risos e sonhos,  
 Revive a esperança de ver permanentes  
 Ideais de Justiça, de Amor e de Paz!  
 (JUSTEN, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 19)

No texto as imagens ganham um destaque especial, os objetos, os dias, os momentos são recriados através delas, pois conforme salienta Gaston Bachelard “As verdadeiras imagens são *gravuras*. A imaginação grava-as em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam-nas para que se tornem lembranças da imaginação.” (1993, p. 49). Essas imagens que revelam não só o cotidiano de uma pessoa, mas o coletivo, como também, favorece para o leitor uma possível compreensão pela via da imaginação, de realidades que fazem parte da vida. Ao transcrever que “A vida singela ficou no passado / Em tempos modernos, lugar é cidade!” o eu lírico faz uma inferência na evolução do homem em relação as mudanças ocorridas com o passar do tempo, os lugares e o homem já são outros.

Nos versos “Nos mesmos anseios de sempre acertar / Do outrora longínquo ao hoje fugaz” novamente o eu lírico relaciona passado e presente, visualizando as mudanças que ocorrem com o tempo, uma vez que a:

[...] saudade enraizada no mais profundo e no mais longínquo do nosso ser que motiva todas as nossas representações e aproveita todas as férias da temporalidade para fazer crescer em nós, com a ajuda das imagens das pequenas experiências mortas, a própria figura da nossa *esperança essencial*. (DURAND, 1997, p. 403. Grifos do autor)

Essa esperança teorizada por Durand é reafirmada nos últimos versos do poema “Lembranças” no momento em que o sujeito poético expressa o desejo de ver permanentes os “Ideais de Justiça, de Amor e de Paz” (2011, p.19).

A memória é ao mesmo tempo presença e motivo de evocação, estabelecendo uma permuta de instâncias da temporalidade material, que só é possível pela própria memória. Portanto, não se trata apenas de reconstruir o passado no presente da recordação, mas de reconhecer que a memória instala uma incessante tensão com o futuro. Esta aparece como uma das lições da reflexividade memorialística do poema e via de acesso a uma compreensão mais abrangente da relação entre memória e tempo. Para Durand, “A memória – como imagem – é essa magia vicariante pela qual um fragmento existencial pode resumir e simbolizar a totalidade do tempo reencontrado.” (1997, p. 403)

Nos versos de “Tempos de outrora”, imagens e lembranças ganham um contorno romântico e melódico:

### TEMPOS DE OUTRORA

Dançam silhuetas antigas  
No casarão secular.

Brilhando por entre a poeira,  
Pontos de luzes e cores  
Guardam lembranças etéreas:  
Sons da mazurca ligeira,  
Mãos a fremir que se tocam  
E um leve roçar de lábios.

A volúpia da paixão  
No rodopio da valsa.

(JUSTEN, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 45)

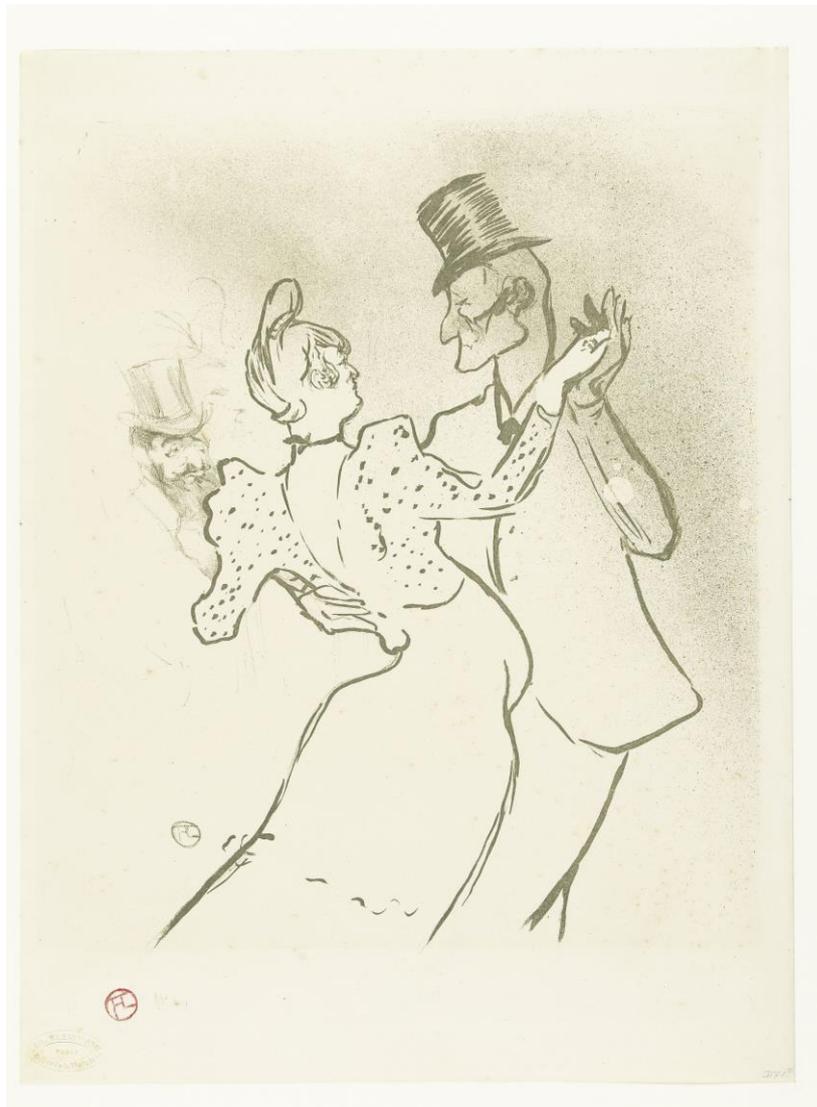


Figura 3 - The Dancer La Goulue and Valentin Le Désossé Dancing in the Moulin Rouge<sup>5</sup>  
 Fonte: Toulouse, Henri de; Kleinmann, Edouard. (1894)  
<https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/176611--miriam-mica/dance/objecten#/RP-P-1949-592,0>

O tom melódico do poema traz para os versos de Justen um sentido suave, o eu poético revela uma sequência de imagens, dança e paixão. O primeiro verso “Dançam silhuetas antigas”, une-se aos “Sons da mazurca ligeira”, dança tradicional de origem polonesa que forma figuras e desenhos diferentes, demonstrando uma cultura seguida por aqueles que dançam esse ritmo.

O rememorar da paixão fica claro nos versos, “Mãos a fremir que se tocam / E um leve roçar de lábios”, palavras que revelam o estado de espírito do eu poético que está envolvido pelo momento de saudade. A recordação é a forma fluída do sujeito poético que organiza e reorganiza as memórias num tecer entre passado (lembranças) e presente (novas experiências, novos olhares), e ao revivê-las já não estão apenas guardadas na memória, mas são atualizadas pelos sentimentos e experiências atuais. A memória se tornou um baú vivo de imagens que reportam ao passado e são revivificadas no presente:

[...] para ter a impressão que duramos – impressão sempre singularmente imprecisa – precisamos substituir nossas recordações, como os acontecimentos reais, num meio de esperança ou de inquietação, numa ondulação dialética. Não há recordação sem esse tremor do tempo, sem esse frêmito afetivo. (BACHELARD, 1988a, p. 37-38).

Essa relação das recordações, da imaginação simbólica e das imagens são construídas nos poemas, a memória nos reporta a tempos que já se passaram e a nostalgia também se torna recorrente nos versos justinianos.

A figura 3 “The Dancer La Goulue and Valentin Le Désossé Dancing in the Moulin Rouge” representa os versos do poema, a silhueta contornada do casal, a forma que cada um está vestido, as mãos que se tocam de leve, são detalhes que reportam para os tempos de outrora que são rememorados no texto.

Também explorando o tema da memória, identifica-se a infância revisitada pelo eu lírico, no texto:

<sup>5</sup> Tradução: O dançarino La Goulue e Valentin the Dancing Boneless no Moulin Rouge.

### Passeio da Saudade

De folhagens rendilhadas,  
Como filtro à luz do sol,  
Um bosque verde-mistério  
Encantou a minha infância.

Filetes de ouro e nácar  
Desciam brilhando plantas.  
Cordões de folhas pendentes  
Trançavam floridos ramos.

Azuis, roxas, amarelas,  
Borboletas coloridas,  
Cintilantes e ligeiras  
Farfalhavam com o vento!

Zangões que forte zuniam  
Dançavam ameaçadores.  
Um constante hino ao sol  
Cantavam os passarinhos.

Cigarras mil que eu não via  
Martelavam meus ouvidos,  
Um som que jamais findava  
Na languidez da paisagem.

Naquele bosque tão lindo  
Passeio minha saudade;  
Na luz, nas cores, no som  
Repouso minhas tristezas.  
(JUSTEN, *Jogo de luz*, 1993, p. 34-35)



Figura 4 - De vlinders<sup>6</sup>

Fonte: Allebé, August. (1871) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/125663--cully/childhood/objecten#/SK-A-3095,0>

A imagem da “luz do sol” aponta para fonte de vida, já que é a infância que está sendo recordada e o sol é a metáfora da continuidade. Os “filetes de ouro e nácar” representam a luz, juntos ouro e nácar remetem a uma luminosidade muito intensa, que compreende a fase da infância, momento de descobertas. As borboletas apresentam as cores fortes e alegres “Azuis, roxas, amarelas” fazendo com que a vivacidade da infância seja visualizada por meio da metáfora da borboleta, que primeiro precisa ser casulo para depois chegar a sua beleza sublime. Destaca-se a cor azul da borboleta que age “[...] no sentido de um “afastamento da excitação”; o azul reúne, portanto, as condições ótimas para o repouso e, sobretudo, o recolhimento.” (DURAND, 1997, p. 148). Nesse caso, recolhimento para que o eu lírico rememore um tempo harmonioso, esse olhar poético ao eleger a vida simples traz à tona um mundo de significados que sem o dizer poético poderia cair na vala comum do esquecimento.

A poesia do cotidiano pode ser associada ao ato de observar que é constante sob o olhar da poeta. A lição de infância capta o que é verdadeiramente importante na vida: as coisas simples do cotidiano que podem ser contempladas por todos. Os versos de “Passeio da Saudade” revelam um tempo vivido pelo sujeito lírico, no qual é capaz de reviver a pureza da infância nos atos mais singelos. “A memória é poder de organização de um todo a partir de um fragmento vivido [...]”. (DURAND, 1997, p. 403). O eu poético demonstra conhecer aquilo que até então parecia desconhecido aos próprios olhos, fazendo o leitor reviver também sua infância:

Que tensão de infâncias deve estar de reserva no fundo do nosso ser para que a imagem de um poeta nos faça reviver subitamente as nossas lembranças, reimaginar nossas imagens a partir de palavras bem reunidas! Porque a imagem de um poeta é uma imagem falada, e não uma imagem que os nossos olhos veem. Um traço de imagem falada basta para nos fazer ler o poema como eco de um passado desaparecido.” (BACHELARD, 1988b, p. 110)

A imagem é um elemento basilar para a essência da construção poética, imagens que são construídas pelas palavras. Nos últimos versos “Naquele bosque

---

<sup>6</sup> Tradução: Borboletas.

tão lindo / Passeio minha saudade” o eu lírico demonstra a nostalgia de tempos que não voltam mais, permanece a saudade e as lembranças pela constituição das imagens que se formam através da linguagem poética, que transporta o leitor a um outro estado de espírito, pois a infância, no dizer de Gilbert Durand:

[...] é sempre e universalmente recordação da infância, é arquétipo do ser eufêmico, ignorante da morte, porque cada um de nós foi criança antes de ser homem... Mesmo a infância objetivamente infeliz ou triste de um Gorki ou de um Stendhal não pode subtrair-se ao encantamento eufemizante da função fantástica. A nostalgia da experiência infantil é consubstancial à nostalgia do ser. [...] qualquer recordação de infância, graças ao duplo poder de prestígio da despreocupação primordial, por um lado, e, por outro, da memória, é de imediato obra de arte. (1997, p. 402)

Diante dessa afirmação de Durand, vê-se que revisitar a infância é uma maneira de considerar novos sentidos que antes não eram visíveis, e que agora, necessita primeiro desconstruir para depois reconstruir novas imagens que ganham novos sentidos. Com o distanciamento temporal dos acontecimentos, a lembrança parece ocorrer em conjuntos que vão formando os lugares, as pessoas, os objetos, para que a reconstrução do momento seja possível. Ao observar a figura 4 “De vlinchers” podemos contemplar essa infância e esses momentos revisitados pelo eu poético.

Ainda sobre a temática da infância temos a nostalgia presente no poema:

#### NATAL DE MINHA INFÂNCIA

É Natal! É Natal!  
No pinheirinho enfeitado,  
Anjos de açúcar cândi.  
Um cometa de brilhante  
Alcança o teto da sala.

Todos subimos o outeiro  
Na manhã ensolarada.  
Nos braços do pai, minha irmã.  
Eu, na sua mão, tão segura,  
Saltando de pedra em pedra.  
Meu irmão correndo adiante,  
Minha mãe cuidando ao lado.

No cimo daquele outeiro,  
A igreja do Cabral.  
Dentro dela, a manjedoura,  
No berço, o Deus-Menino.

Os Reis Magos e seus presentes.  
 Meu pai, minha mãe rezando  
 Por nós, pela humanidade!

O pinheiro iluminado!  
 Vermelhas, velas crepitam.  
 Sinos na porta de entrada!  
 É o velhinho do Natal!  
 Ele sentado, eu em pé,  
 O coração a saltar!  
 - Bondade? – Obediência?  
 Bênçãos por sobre mim!  
 A alegria de um só presente!

A oração de minha avó abrindo a ceia:  
 Paz na Terra aos homens de boa vontade!  
 Aleluia, aleluia! Nasceu Jesus!  
 (JUSTEN, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 109)

A memória do sujeito poético por meio de uma data significativa para a família faz os momentos serem lembrados, cada detalhe é significativo para a construção do poema. Reviver a infância faz parte de um momento de devaneio e, consoante Bachelard, “Um grande paradoxo está associado aos nossos devaneios voltados para a infância: esse passado morto tem em nós um futuro, o futuro de suas imagens vivas, o futuro do devaneio que se abre diante de toda imagem redescoberta.” (1988b, p. 107).

As lembranças rememoradas no poema mobilizam a afetividade, o inconsciente e o metafórico reconhecimento da “ambígua trajetória” da existência humana, na qual lembrar e esquecer são constantes. Os membros da família reforçam as lembranças e as idealizações do eu lírico em relação a seus familiares. “Nos nossos devaneios voltados para a infância, todos os arquétipos que ligam o homem ao mundo, que estabelecem um acordo poético entre o homem e o universo, todos esses arquétipos são, de certa forma, revivificados.” (BACHELARD, 1988b, p. 119). Logo, imaginação e memória não são limitáveis, por se manifestarem interpenetradas, ao promoverem a recordação e, ao mesmo tempo, o esquecimento, sem o qual não se expressam as “imagens-lembranças”.

Percebe-se, nos versos, como as lembranças construídas na infância são influenciadas pela presença de outras pessoas, nesse caso, os pais, irmãos e avó. Para Amauri de Lima “[...] a memória está em constante transformação, ou seja, a memória é trabalho, está entre a tradição e a modernidade, entre o passado e o presente. Não há porque recordar senão em função de um presente.” (2009, p. 59)

O eu lírico rememora um fato de infância, desloca-se para reconstruir as imagens do passado que se enfraquecem lentamente, mas que nessa reconstrução a lembrança dos componentes do grupo a que pertence à família, faz com que o momento seja revivificado pelo sujeito poético. Para Bachelard, os arquétipos são:

[...] reservas de entusiasmo que nos ajudam a acreditar no mundo, a amar o mundo, a criar o nosso mundo [...] O arquétipo está ali, imutável, imóvel sob a memória, imóvel sob os sonhos. E, quando se faz reviver, pelos sonhos, o poder do arquétipo da infância, todos os grandes arquétipos das potências paternas, das potências maternas retomam a sua ação [...] Tudo o que acolhe a infância tem uma virtude de origem. E os arquétipos permanecem sempre como origens de imagens poderosas. (BACHELARD, 1988b, p. 120)

As lembranças pessoais são carregadas por cada indivíduo, entretanto, ele está inserido em um contexto, vivendo em uma sociedade, que tem suas crenças, valores, costumes, e é nesse contexto que cada um consolida suas recordações, muitas vezes reportando-se a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade.

A temática da memória também aparece no poema “Planície”, no texto é estabelecida a relação entre presente e passado, e ainda a contextualização histórica é explorada:

#### PLANÍCIE

Num viver de presente e passado,  
De abraçar mil momentos num gesto,  
As lembranças passeiam ligeiras,  
Esfumadas a quase perder-se.

Nas facetas cristais de uma lágrima  
Há histórias e histórias sem fim.  
Das cirandas que marcam a vida  
Ficam teias de luzes e sombras.

As venturas dos anos dourados  
São vitórias de brilhos e dores,  
São lembranças de não esquecer  
Que se prendem nas tramas da vida.

No agora, outros sonhos se armam  
Na amplitude da vasta planície.  
No viver se condensa a esperança  
No fazer da existência uma luz!

(JUSTEN, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 69)

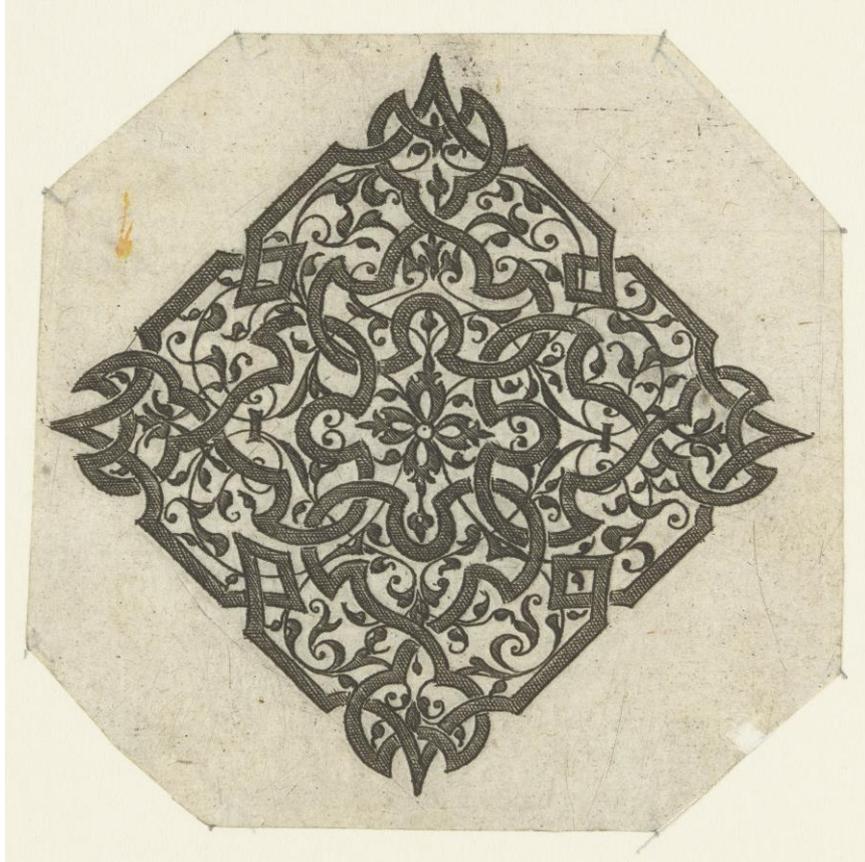


Figura 5 – Ruit met moresken<sup>7</sup>

Fonte: Honervogt, Jacques (1528 – 1580)

<https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/138117--marjolijn-capelle-stoltz/ornamenten/objecten#/RP-P-1953-146,15>

No poema, as imagens das “teias” podem ser interpretadas como a metáfora da memória, emaranhado de fios de lembranças que estão sendo recordados, sendo que um fio conduz a outro, e ao puxar um desses fios da teia, várias lembranças vem à tona. As memórias não podem ser apagadas, pois o que foi vivido já entrou para o passado e pode voltar por meio das lembranças que são rememoradas. As teias dos versos vêm acompanhadas da antítese “luzes e sombras”, mostrando o jogo da vida, que é feita de momentos bons e ruins. Para Durand, “Semanticamente falando, pode-se dizer que não há luz sem trevas enquanto o inverso não é verdadeiro.” (1997, p. 49).

Na terceira estrofe os “anos dourados” reportam a um tempo que foi identificado com o espírito otimista e empreendedor, tempos de desenvolvimento, de crescimento econômico acelerado, e, sobretudo, tempo em que se apostava

<sup>7</sup> Tradução: Losango com moresk.

intensamente na educação e na escola pública de qualidade como meio de democratização e ascensão social. A lembrança dos anos dourados parte de um mundo abstrato, para o mundo concreto, no campo sensório do ser, corporificando-se. A história que foi vivenciada é ressuscitada por meio da memória lírica, revelando que:

O fenômeno da memória é resistente à descrição mais direta e incide em processos metafóricos. As imagens desempenham o papel das figuras de pensamento, modelos que demarcam os campos conceituais e orientam as teorias. Por essa razão é que os “conjuntos de metáforas” nesse campo não são uma linguagem que parafraseia, mas uma linguagem que primeiro desvela o objeto e o constitui. A questão das imagens da memória torna-se, assim, ao mesmo tempo, uma questão sobre os diferentes modelos de memória, seus respectivos contextos históricos, necessidades culturais e padrões interpretativos. (ASSMANN, 2011, p. 162. Grifos da autora)

Percebe-se que no poema “Planície”, a memória individual do eu lírico se reporta a contextos históricos e necessidades culturais de uma época de mudanças significativas para o país, fato que demonstra e reafirma a poesia como meio de reflexão que envolve literatura, história e memória.

Pelas lembranças o passado é recontado e perpetuado, as reflexões e descobertas se alicerçam. Ao rever as imagens de uma história, o eu lírico transmite ao outro o conhecimento vivido em um determinado tempo. É esse ciclo, essa capacidade da memória que permite perpetuar no tempo práticas, aprendizados, vivências, experiências que caracterizam cada grupo e que ao longo do seu existir se torna tradição, cultura e identidade. Na acepção de Ecléa Bosi, “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” (1979, p. 17).

Na última estrofe o sujeito poético contempla o presente, registrando a presença de outros sonhos, outros ideais, que revelam também o ato de ascensão que segundo Durand “[...] é imaginada contra a queda e a luz contra as trevas.” (1997, p. 158). Essa luz presente no poema direciona para os ideais que devem ser alcançados durante a existência do ser.

As teias, esse emaranhado de fios está representado na figura 5 “Ruit met moresken”, pois um fio conduz ao outro, nesse caso, a teia está formada, uma recordação direciona à outra.

Assim, vê-se que a retomada das lembranças pode apresentar novos sentidos ao que já foi vivido, caminhar pelos vestígios da memória faz com que momentos sejam reconstruídos. Segundo Michel Pêcheux:

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (1999, p. 56)

O texto poético por meio das imagens e da memória apresenta novos sentidos à realidade e expõe o social. A utilização da memória na poesia é um reconstruir de memórias históricas, que o sujeito poético traz pelas palavras que estão subjacentes ao corpo do texto. A memória acaba com o pensamento do nunca mais, pois no momento em que se lembra de algo, reconstrói uma nova realidade em que está ligada, ao mesmo tempo, ao passado e ao presente.

## **2 IMAGENS POÉTICAS: O ESSENCIAL E O TRANSCEDENTAL NA POÉTICA JUSTINIANA A PARTIR DOS ELEMENTOS: ÁGUA, AR, TERRA E FOGO**

A imagem é o ser que se diferencia para estar certo de vir a ser. E é com a imaginação literária que essa diferenciação fica imediatamente nítida. Uma imagem literária destrói as imagens preguiçosas da percepção. A imaginação literária desimagina para melhor reimaginar.

Gaston Bachelard (2013b, p. 21-22)

A relação com a matéria ativa o universo das imagens, a matéria dá o sentido de uma profundidade oculta, ela impõe que o superficial seja desmascarado. Para Bachelard (2013b), as realidades materiais verdadeiramente primordiais, tais como são oferecidas pela natureza, são como convites para exercer as nossas forças. Ele afirma que:

[...] a realidade material nos instrui. De tanto manejar matérias muito diversas e bem individualizadas, podemos adquirir tipos individualizados de flexibilidade e de decisão. Não só nos tornamos destros na feitura das formas, mas também nos tornamos materialmente hábeis ao agir no ponto de equilíbrio de nossa força e resistência da matéria. (2013b, p. 21)

Nesse sentido, é interessante refletir como os elementos Água, Ar, Terra e Fogo podem modificar um ao outro. Pensando, especificamente no caso da terra e suas transformações, vemos que a água amolece a terra dura, sendo que essa deixa-se agora tomar contornos. O ar seca a terra e torna-a firme novamente, mantendo, transitoriamente, sua forma. O fogo opera a verdadeira transformação da matéria, tornando-a forte, perpetuando a forma.

A matéria torna-se um meio para a imaginação se realizar, é fonte constitutiva de imagens, nas quais os quatro elementos tornam-se os seus operadores de imagens. O imaginário adquire uma realidade particular na medida em que a imaginação é geradora não apenas de formas, mas de valores e qualidades que apelam para a sensibilidade. Cada imagem, seja ela literária ou visual, se forma em torno de uma orientação fundamental que se compõe dos sentimentos próprios de uma cultura, assim como de toda a experiência individual e coletiva.

A imaginação prolonga a natureza em nós através do corpo sensível capaz de transformar a matéria, trazendo à tona a valorização da mão artesã, trabalhadora, ativa, por meio do poeta, que coloca o objeto numa ordem nova.

O poder criador da imaginação, portanto, é justamente sua identificação com uma materialidade. Criamos afinidade e empatia com ela, na linguagem específica de cada fazer. Bachelard utiliza o termo materialidade para abranger tudo o que pode ser formado e criado pelo ser humano.

A matéria vai se transformando, de sólida a mais flexível, as imagens da dureza e da moleza que desenham junto com o artista e o leitor a possível interpretação da poesia por meio dos quatro elementos: Água, Ar, Terra e Fogo, quatro tipos diferentes de provocações, quatro forças imaginantes inteiramente materiais, nutridoras de diferentes experiências sensoriais. Bachelard observa que:

Através do duro e do mole aprendemos a pluralidade dos devires, recebendo provas bem diferentes da eficácia do tempo. A dureza e a moleza das coisas nos conduzem – à força – a tipos de vidas dinâmicas bem diferentes. O mundo resistente nos impulsiona para fora do ser estático, para fora do ser. E começam os mistérios da energia. (2013b, p. 16)

Para que essa pluralidade dos devires ocorra serão desenvolvidas algumas reflexões a partir da relação entre os elementos Água, Ar, Terra e Fogo, como eles aparecem individualmente ou juntos na poesia de Chloris Casagrande Justen e quais seus possíveis significados para os versos da poeta. No poema “Manhãs de abril” os elementos Água, Ar e Fogo aparecem:

### **Manhãs de abril**

Na cerração que se espraia  
Há um ambiente céu de opala  
Despontando, vagaroso,  
Dos tênues raios de sol.

Vento frio da madrugada  
Brinca ainda nos jardins,  
Dança no espelho das águas,  
Canta ao balanço da flor.

Chegando, como um carinho,  
Um cálido sopro de brisa  
Movimenta a passarada,  
Enche de som a alvorada.

Lentamente tomam forma  
Catedrais e arranha-céus,  
Pinheiros em taças verdes,  
Ipês dourados de outono.

Num crescendo, ensolarada,  
Plena de luz, céu azul,  
Surge inteira, esplendorosa,  
A bela Cidade-Sorriso!  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 53-54)



Figura 6 – Wolkenstudie<sup>8</sup>

Fonte: Comte, Adolf Ie. (1920) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/114517--lisa/the-decorative-arts/objecten#/RP-T-1963-72,43>

O eu poético no texto faz com que o leitor, a cada estrofe, visualize a imagem da estação do outono. Contornos suaves são criados, como se uma pintura estivesse sendo delineada a cada nova palavra, o que traz um certo encantamento para os versos. A própria cerração pode denotar aconchego que se espalha pelos versos seguintes.

<sup>8</sup> Tradução: Estudo da nuvem.

O primeiro elemento que aparece é o ar, representado pelo céu, e em seguida o fogo representado pela palavra sol. Os “tênuos raios de sol” lembram a manhã que aos poucos vai surgindo e iluminando a Cidade-Sorriso.

Na segunda estrofe aparece novamente o elemento ar representado pelo signo poético vento, que ganha o adjetivo frio para caracterizar a nova estação que chega “É o assobio violento do vento que faz tremer o homem que sonha, o homem que escuta... durante o dia, o abissínio pode assobiar. A luz do dia dispersou o fundo de terrores noturnos.” (BACHELARD, 2001, p. 234). Seria, talvez, essa nova estação marcada pelo vento frio as mudanças sentidas pelo eu lírico e um novo tempo que chega.

Ainda na segunda estrofe vemos que o vento citado anteriormente está diretamente ligado ao elemento água, pois o mesmo “Dança no espelho das águas”. Para isso é necessário compreender o espelho das águas:

[...] a água serve para *naturalizar* a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima. Os espelhos são objetos demasiado civilizados, demasiado manejáveis, demasiado geométricos, são instrumentos de sonhos evidentes demais para adaptar-se por si mesmos à vida onírica. [...] O espelho da fonte é, pois, motivo para uma *imaginação aberta*. (BACHELARD, 2013a, p. 23-24. Grifos do autor)

Dentro desse conceito pode-se dizer que nessa estrofe de “Manhãs de abril” o eu lírico além de sentir o novo tempo chegando, também está envolvido por esse espelho das águas pela representação do vento, para que consiga a revelação de seus duplos e assim sentir o entendimento do próprio ser em relação ao mundo. O reflexo das imagens aparentes no espelho das águas causa no eu lírico do poema uma súbita conscientização entre o eu e o mundo, do mesmo modo que ocorre com Narciso quando vê além de sua imagem, todas as imagens que estão à sua volta. “Narciso, na fonte, não está entregue somente à contemplação de si mesmo. Sua própria imagem é o centro de um mundo. Com Narciso, para Narciso, é toda a floresta que se mira, todo o céu que vem tomar consciência de sua grandiosa imagem.” (BACHELARD, 2013a, p. 26-27)

Nesse caso, podemos compreender na sequência o entendimento que o eu poético tem da cidade que está contemplando. A terceira estrofe apresenta uma imagem diferente, “Um cálido sopro de brisa / Movimenta a passarada”, e, aos

poucos esse ambiente situado pelo eu lírico vai tomando forma “Pinheiros em taças verdes / Ipês dourados de outono”. A bruma que inicialmente cobria o lugar vai revelando “A bela Cidade-Sorriso”. A união dos elementos Água, Ar e Fogo trouxeram para o poema movimento, mudança e luz.

Na figura 6 “*Wolkenstudie*” é possível notar a “cerração que se espraia”, o “céu de opala” e os “tênuos raios de sol” que aparecem nos versos do poema.

No poema “Luz de Lua” a água, o ar e o fogo também estão presentes:

#### LUZ DE LUA

Canto a alegria da vida  
Como o pássaro  
A alvorada.

Minha voz quebra silêncios,  
Luz de lua  
Em noite escura.

Passeio em muitos destinos,  
Levando o sol  
À garoa.

Entre os cantos e as cirandas,  
Dança imensa  
A solidão.

(Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 29)

A imagem do pássaro vinculada ao elemento ar e o canto da ave, estão ligados ao sentido de comparação que o sujeito poético faz com o seu cantar diante da vida e na poesia. Na segunda estrofe temos o jogo da antítese que ocorre pela luz da lua *versus* a noite escura, a voz do eu lírico é capaz de iluminar, dar sentidos. Essa lua é metaforicamente um espelho, uma vez que a noite escura agora é iluminada.

O elemento fogo representado pelo sol está diretamente ligado ao elemento água representado pela garoa “Passeio em muitos destinos, / Levando o sol / À garoa.” No poema, esse sol pode representar a sabedoria que o sujeito poético leva para muitos destinos, é o poeta por meio de suas palavras que transmite a luz de seus pensamentos para o leitor.

Os quatro elementos podem ser identificados no próximo texto:

## Seiva

À Leonor Castellano,

A seiva viva  
Líquor de ouro e amor,  
Corre ligeira envivecendo os galhos.  
Ela enrijece desde o tronco às folhas  
De mil poderes o carvalho altivo.

A seiva de ouro que sobe da terra  
E jorra em tufos de beleza e som  
É a harmonia do cantar trinado,  
A filigrana do farfalho suave.

O ciclo eterno continua sempre:  
O sol que aquece e fertiliza a terra,  
A seiva pura que dá vida aos galhos,  
As folhas verdes que refletem luz,  
A passarada a cantar o amor.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 59)

A imagem da árvore nesse poema vai aos poucos se moldando por outros elementos, pois no texto poético a imagem não está pronta e acabada, Alfredo Bosi diz: “O que é uma imagem-no-poema? Já não é, evidentemente, um ícone do objeto que se fixou na retina; nem um fantasma produzido na hora do devaneio: é uma palavra articulada.” (1977, p. 21)

Essa palavra articulada possibilita uma reconstrução mental de uma realidade: a terra, a seiva e o sol fazem com que a árvore se mantenha viva e bonita. A terra que aparece aqui como exemplo de fecundidade, cria vínculos, enraíza-se; a água é representada pela seiva que corre pelos galhos. A árvore que é força e energia depende de outros elementos para sobreviver: terra, sol, seiva.

Esse ato de dependência pode ser uma metáfora do ser humano, que assim como a árvore precisa de outros para completar seu ciclo. Na última estrofe fica clara essa representação do ciclo: a terra precisa do sol, os galhos e o tronco precisam da seiva, as folhas precisam dos galhos para se sustentar e o pássaro repousa e constrói seu ninho na árvore que se mantém viva pelos outros elementos já citados.

Assim, podemos dizer que no poema a árvore é a metáfora da vida, pois ambas precisam de cuidados, é toda uma construção para que ela permaneça viva e forte, e sempre que um ciclo termina, outro se inicia.

## 2.1 IMAGENS DO ELEMENTO ÁGUA: TRANSITORIEDADE

De acordo com Bachelard (2013a), a água é o elemento transitório, a metamorfose ontológica entre fogo e terra. A água pode representar a vertigem, a morte, o recomeço. A água também representa a possibilidade poética. Vejamos como a água aparece no seguinte poema:

### **Caminhos de pedra**

Sofro uma dor lancinante  
Ao ver caminhos de pedra,  
Sem cascatas, só de urzes,  
Sem ilusões, só misérias.

Carrego, como um pecado,  
Esta certeza implacável:  
Sou como a onda do mar  
No conjunto as marés.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 65)



Figura 7 – Seascape from the Zeeland Waters, near the Island of Schouwen<sup>9</sup>

Fonte: Schotel, Petrus Johannes. (1825-1827)

<https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/132220--judith-kappel/ocean/objecten#/SK-A-1133,0>

<sup>9</sup> Tradução: Seascape do Zeeland Waters, perto da ilha de Schouwen .

No início do poema a água que aparece são as águas claras representadas pelas cascatas, entretanto, o sujeito poético afirma que as mesmas não estão sendo vistas, o caminho é de pedra e de urzes, demonstrando toda o sofrimento e a desilusão sentidas no momento.

Nos dois últimos versos “Sou como a onda do mar – No conjunto as marés”, compreende-se que o eu lírico ao se comparar com a onda do mar e estando diante da extensão da água, sente o quão pequeno é diante do mundo aquático e ainda que as conquistas podem ser difíceis, pois “Na água, a vitória é mais rara, mais perigosa, mais meritória que no vento” (BACHELARD, 2013a, p. 169).

O mar pode ser compreendido ainda como lugar de aventuras e reflexões, na medida em que se utiliza sua simbologia para representar o reinício, o repensar, a liberdade, a esperança, absorvendo toda a força do elemento água que tão complexo é.

Nesse sentido, a figura 7 “Seascape from the Zeeland Waters, near the Island of Schouwen” orienta para as significações do poema, uma vez que na imagem o mar está agitado, representando a dificuldade da navegação, nesse caso, a dificuldade de vencer os obstáculos.

A poesia justiniana no poema seguinte, recorre, mais uma vez, ao elemento água que agora aparece de outra forma, mas reafirma novamente a expectativa positiva do sujeito poético diante dos entraves da jornada:

#### ÁGUA CORRENTE

Batida em leito de pedras,  
A vida é água corrente  
Aprimorando ilusões.

Noite escura e céu de estrelas  
Seguem as águas na trilha:  
Revoltas, bradando aos céus;  
Serenas, guardando o amor.

A espuma que filtra o sol  
Não reflete o seixo agreste,  
Como a dor do desengano  
Não apaga a luz do sonho.  
(Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 83)

O título do poema faz lembrar o que Bachelard discute no primeiro capítulo de *A Água e os Sonhos* (2013) ao tratar das águas claras, primaveris e correntes. Essa

água corrente que aparece no poema remete a ver no tempo uma água já escoada, ou seja, um tempo que passou ou que vai passar. Entretanto, é necessário entender que não é no movimento das águas que se tem a verdadeira sensação de tempo passado, mas na capacidade que o elemento água tem de dissolver tudo e ainda ligada à ideia de renascimento pelo frescor da água, a renovação é purificação.

Já na primeira estrofe temos dois elementos distintos: pedra e água. Enquanto a pedra remete a matéria dura, a água remete a matéria mole. Ao mesmo tempo em que se está diante da dificuldade representada pela dureza da pedra, há a possibilidade da mudança pela água, permitindo o recomeço.

Ao que parece o sujeito poético constantemente se utiliza de termos opostos, faz o jogo de antíteses, o que surge na segunda estrofe, pois enquanto aparece a noite escura, há, também, as estrelas que remetem a claridade, iluminando “Noite escura e céu de estrelas / Seguem as águas na trilha”. Nesses versos noite e água aparecem juntos. Bachelard tece a seguinte afirmação:

[...] a noite é uma substância, a noite é matéria noturna. A noite é apreendida pela imaginação *material*. E, como a água é a substância que melhor se oferece às misturas, a noite vai penetrar as águas, vai turvar o lago em suas profundezas, vai impregná-lo. Às vezes, a penetração é tão profunda, tão íntima que, para a imaginação, o lago conserva em plena luz do dia um pouco dessa matéria noturna, um pouco dessas trevas substanciais. (2013a, p. 105. Grifo do autor)

Tal explicação da noite e das águas pode ser verificada na sequência dos versos do poema, já que aparecem águas revoltas e serenas, as primeiras gritam aos céus, o que pode ser explicado pela matéria noturna que a penetrou, as serenas guardam o amor, mais uma vez mostrando o jogo de antíteses utilizadas.

Ao terminar o poema o eu lírico afirma, apesar do desengano e da revelação dos caminhos íngremes, sua esperança diante do sonho.

## 2.2 O ELEMENTO AR: TRANSCENDÊNCIA

Na poesia o elemento ar pode dar forma à leveza, assim como fluidez e impermanência. As asas são como um desenho do voar, do tornar-se leve, do desprender-se. As nuvens são como um desenho do leve, do fluido do

impermanente. O ar é o condutor material da imaginação que está em movimento. Diante desses aspectos a poesia de Chloris também é analisada:

### SILÊNCIO

No vazio sem cor  
Há uma névoa sem fim  
Envolvendo o silêncio.

Uma frase de amor passa viva,  
Brilhando.  
Atrás dela uma voz,  
A meiguice de um beijo,  
Um olhar carinhoso,  
Um brejeiro falar.

São retalhos da vida  
A dançar sem sentido,  
Como folhas ao vento  
No outono perdidas.

Uma lágrima brilha, caindo suave,  
Outra mais e mais outra,  
Um copioso lembrar.

Neste imenso silêncio,  
O vazio é sem cor,  
O sofrer, sem medida.

(Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 59)



Figura 8 – Wooded View near Barbizon<sup>10</sup>

Fonte: Weissenbruch, Johan Hendrik. (1900)

<https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/175458--erin-egleston/autumn/objecten#/SK-A-1923,2>

A leitura do poema é envolvente e memorialística. Cada estrofe traz uma lembrança do eu poético. O próprio título “Silêncio” sugere pistas sobre o ato de solidão, pois estar sozinho ou sentir-se sozinho é silêncio também. O silêncio pela busca da interiorização do ser, pelo destaque do pensar e do sentir que vão sendo sensoriados pela memória.

O vazio sem cor e a névoa sem fim dão ideia de um momento de saudade e também de tristeza que está passando pelas lembranças. Esse ar inicial é o símbolo de peso composto por um céu nebuloso, representado pela névoa. O amor, o beijo, o olhar e o falar ganham adjetivos que acalantam o coração, mas que ao mesmo tempo mostram na terceira estrofe uma possível amargura pelo que já não se vive mais. O silêncio envolvido no poema e essa solidão também representam a dor de existir, a dor de estar no mundo.

Ao revelar os momentos vividos e na sequência afirmar que “São retalhos da vida / A dançar sem sentido, / Como folhas ao vento / No outono perdidas.” a beleza da recordação traz um ar frio pelo que não se vive mais, o ar que agora abriga o pensamento. Segundo Bachelard, “O vento se excita e desanima. Gira e queixa-se. Passa da violência à aflição.” (2001, p. 236). Esse vento teorizado pelo autor pode ser visto nas folhas ao vento que aparecem na poesia.

A ausência de cores vivas na figura 8 “Wooded View near Barbizon” faz com que “o vazio sem cor” que aparece no primeiro verso seja relacionado à imagem escolhida.

No poema seguinte temos o pássaro como representação do elemento ar:

### **Pássaros**

Crianças são como pássaros  
Vibrando por liberdade.  
Da concha de nossas mãos  
Alçam voo para o mundo.

Com asas feitas de sonhos,  
Bagagem só de mistérios,  
Seu destino é o arco-íris

<sup>10</sup> Tradução: Vista arborizada perto de Barbizon.

Seu voo, um canto de glórias.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 46)



Figura 9 – Drie vogels: een Staartmees, een Pimpelmees een Klapekster of Grote Klauwier<sup>11</sup>  
Fonte: Schouman, Aert. (1756) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/73195--ninalotte/gangkast/objecten#/RP-T-1898-A-3700,2>

Bachelard diz que “Se o pássaro voa, é porque participa de um ar leve.” (BACHELARD, 2001, p. 65). A comparação da criança com o pássaro, esse sonho de voar, envolve a ideia de leveza diante das nuvens que serão exploradas com o alçar do voo. “O movimento de voo dá imediatamente, numa abstração fulminante, uma imagem dinâmica perfeita, acabada, total. A razão dessa rapidez e dessa perfeição é que a imagem é dinamicamente bela.” (BACHELARD, 2001, p. 65).

A leitura dos versos leva o leitor a um estado de pureza, leveza e ascensão diante do mundo, pois “O pássaro é uma força ascensional que desperta a natureza

<sup>11</sup> Tradução: Três pássaros: uma cauda de tit , tit azul e um Picanço-grande e Shrike.

inteira.” (BACHELARD, 2001, p. 70), o ar pelo qual o pássaro vai sendo conduzido é o símbolo do leve na busca pelo sublime.

Os sonhos e mistérios apresentados na última estrofe levam o eu poético para um estado de transcendência que é reafirmado pela figura do pássaro e de suas asas, que por meio da representação da criança revela o desejo de glórias e realizações.

Os pássaros que aparecem na figura 9 “Drie vogels: een Staartmees, een Pimpelmees een Klapekster of Grote Klauwier” demonstram a liberdade exposta nas palavras justinianas.

### 2.3 O ELEMENTO TERRA: CONSTÂNCIA

Bachelard (2013b) afirma que a terra tem como primeira característica uma resistência imediata e constante. O autor fala da matéria dura que vista em sua forma exterior, intangível, a dureza pode ser considerada como um mero motivo de exclusão. Se vista em sua dureza íntima, a matéria dura é um tipo de provocação, sua dureza é uma ofensa que não se vinga sem armas e sem ferramentas. O poema “Mulher, luz do futuro” traz esse elemento para a poesia de Chloris:

#### MULHER, LUZ DO FUTURO

Com a rude face sulcada  
De marcas profundas do tempo,  
A deusa lança sementes.

Com suavidade e amor,  
Mulher – Rainha do Lar  
Guarda os valores da deusa.

Andou caminhos dos séculos,  
Sofreu jornadas de estepes,  
Pisou searas de sangue.

No sonho de busca constante,  
Singrou mares e tormentas,  
Rompeu trevas e montanhas.

A pele de seda de agora  
Esconde os sulcos sofridos,  
Condensa a mesma canção.

Nos olhos, visões de harmonia.  
 Na mente, traçados de auroras.  
 Nas mãos, um facho de luz!  
 (Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 51)



Figura 10 – A Young Girl Resting<sup>12</sup>

Fonte: Kruseman, Jan Adam. (1827) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/63456--gilles-probst/paintings/objecten#/SK-A-1072.0>

O poema “Mulher, luz do futuro” não deixa de ser uma homenagem às mulheres, que todos os dias diante das dificuldades enfrentadas não se deixam abalar e que persistem em busca de suas realizações.

De início já existe a caracterização sulcada para a face dessa mulher, revelando as marcas que o tempo deixou. Porém, o terceiro verso “A deusa lança

<sup>12</sup> Tradução: Uma jovem garota repousando.

sementes” traz uma relação direta com a terra, a semente que irá germinar e dará novos frutos, novas colheitas, novos olhares que são retidos com amor pela Rainha do Lar.

Os versos “Sofreu jornadas de estepes / Pisou searas de sangue” conduzem ao sofrimento passado por essa mulher que em busca dos sonhos também “Rompeu trevas e montanhas”. A respeito disso podemos citar “A marcha contra o vento, a marcha na montanha é sem dúvida o exercício que melhor ajuda a vencer o complexo de inferioridade.” (BACHELARD, 2013a, p. 169) Não se afirma aqui que essa mulher sentia-se inferior, mas a marcha na montanha, símbolo da terra, ajudou-a tornar-se mais forte.

Na última estrofe aparece uma mulher marcada pelo tempo, mas que traz a luz, a vida, a aurora, pois “A força humana então se reserva. Os olhos em paz veem as coisas, delineiam-nas sobre um fundo de universo, e a filosofia – ofício dos olhos – toma a consciência de espetáculo.” (BACHELARD, 2013b, p. 28) para a permanência do ser nas coisas, a mulher é luz e vida. O “facho de luz” mostra a multiplicidade de caminhos que compõem a vida, direcionando as possibilidades para um novo recomeçar, e, com isso, constrói-se no imaginário do leitor uma visão de busca a outros horizontes, a novas experiências.

A figura 10 “A Young Girl Reposing” é uma imagem que associada ao poema representa essa mulher sugerida nos versos “A pele de seda de agora / Esconde os sulcos sofridos”. No segundo plano da imagem vemos as montanhas que também foram vencidas por essa mulher que é luz do futuro.

O elemento terra é também explorado no poema:

### **Colheita**

Lavrando por entre a neve,  
Vou semeando primaveras  
Vislumbrando mil floradas  
Com frutos já sazonados.

Não vou saborear cerejas  
Das sementes que lancei,  
Também as braçadas de auroras  
Que na jornada eu colhi,  
Nem mesmo reguei a terra  
Das mudas que não plantei.

Da semente de agora  
Serei fruto, flor e seiva

Dançando, como perfume,  
Em outras colheitas de auroras.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 91)

No poema “Colheita”, há a existência de uma terra dura, já que a mesma não foi regada, o que também conota uma imagem de peso, pois apresenta dificuldade para que este rompa tal dureza. A terra ainda vem com a conotação de fertilidade, fecundando o solo e gerando vida: fruto, flor e seiva, mostrando estar pronto para a próxima fase: plantar em terra firme o sonho de colheitas de auroras.

Os versos trabalham a terra como exemplo de fecundidade, mas aborda também o elemento terreno como símbolo do enraizamento, o qual terá perpetuação no futuro.

## 2.4 O ELEMENTO FOGO: ILUMINAÇÃO

Através da passagem pelo fogo, uma matéria frágil, impermanente se transforma em matéria forte, resistente às intempéries, à ação do espaço e do tempo. É o fogo que traz a força necessária para a sustentação da fragilidade dos objetos. A figura do fogo desde os primórdios remete a descoberta humana, a uma mudança de destino. Veremos como esse elemento se apresenta na poesia justiniana:

### BÊNÇÃO

Esta chama de alegria  
É bênção que Deus me deu.

Surgindo sempre das cinzas,  
A chama cresce em meu peito,  
Aquece meu coração,  
Espraia-se em meu sorriso,  
Põe brilhos no meu olhar,  
Todo o horizonte ilumina.  
(Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 99)

Segundo Bachelard, “[...] o fogo dá ao homem que sonha a lição de uma profundidade que contém um devir: a chama brota do coração dos ramos.” (1999, p. 83-84). Nesse sentido é que o poema “Bênção” vai sendo tecido, uma vez que o sujeito poético se utiliza do elemento fogo por meio das chamas e das cinzas

representadas no texto poético. “O *homem sonhador* diante da lareira é, ao contrário, o homem das profundezas e o homem de um devir.” (BACHELARD, 1999, p. 83. Grifos do autor.) Esse homem de um devir pode ser visto no sujeito poético.

Nos versos “A chama cresce em meu peito”, vemos o homem sonhador teorizado por Bachelard, pois essa chama ilumina o horizonte, revelando “[...] o fogo que brilha sem queimar; então seu valor é toda pureza.” (BACHELARD, 1999, p. 156). No poema seguinte o elemento fogo aparece por meio de outro símbolo:

### **Raio de sol**

Segue em busca da luz!  
Foge da sombra que turve tua marcha ascensional.

Procura no amanhecer  
Toda a beleza da vida,  
Como flor que desabrocha.

Tua palavra e o teu gesto  
Entreteçam harmonia,  
Promovam compreensão.

Tua presença de paz,  
Límpida gota de orvalho,  
Anuncie a madrugada.

Como um raio de sol,  
Ilumina de alegria  
A trilha e o caminhante.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 82)



Figura 11 – De maand Mei: roset met gestileerde bladen<sup>13</sup>

Fonte: Graag, Julie de. (1918) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/21294--ada-gris/city-textures/objecten#/RP-T-1954-511,0>

Nos versos deste poema o elemento fogo é ambíguo, pois inicialmente é representado pelo elemento luz, imagem de leveza e, ao mesmo tempo nos últimos versos temos o sol, uma imagem de peso, devido ao calor que queima por meio do desse astro. Ao analisarmos o poema como um todo, a conclusão a que se chega é que um complementa o outro, pois “Seja como for, parece na verdade que o sol significa antes de tudo luz, e luz suprema.” (DURAND, 1997, p 149).

Voltando ao início do poema temos a luz que deve ser seguida e a sombra que pode perturbar o caminho da luz, da maneira como esses dois elementos aparecem podemos compreender que “A luz tem tendência para se tornar raio ou gládio e a ascensão para espezinhar um adversário vencido. Já se começa a desenhar em filigrana, sob os símbolos ascensionais ou espetaculares, a figura heroica do lutador erguido contra as trevas ou contra o abismo.” (DURAND, 1997, p. 159). Essas trevas citadas pelo teórico são compreendidas pela sombra, mas que na teoria de Durand será vencida pela luz.

<sup>13</sup> Tradução: O mês de maio: roseta com folhas estilizadas.

A figura 11 “De maand Mei: rozet met gestileerde bladen” selecionada direciona para a luz, iluminação e o raio de sol que o sujeito poético expressa nos versos do poema.

### 3 A MEMÓRIA LÍRICA E SOCIAL NOS VERSOS DE JUSTEN

[...] o agora refaz o passado e convive com ele.

Alfredo Bosi (1977, p. 13)

O ser humano, frequentemente, se apoia nas lembranças dos outros, fazendo com que pontos de referência façam submergir o passado. Objetos, costumes, músicas, ideias, palavras; esses instrumentos não foram inventados por um único ser, ele os emprestou de seu meio. Tendo a reflexão de Zilá Bernd (2013) como base, pode-se afirmar que pela memória social um indivíduo pertence a uma determinada comunidade, pois ao compartilhar lembranças e seguir tradições ao longo de muito tempo, ele não deixa seus antepassados no esquecimento.

Podemos entender que os conteúdos transportados são traços culturais, atos e agires, saberes e fazeres culturais que se unem e também transformam a medida que as memórias dos grupos dialogam e se misturam. Assim como Zilá Bernd, Ecléa Bosi também afirma que a memória é transportada pelos tempos:

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. (BOSI, 1979, p. 33)

Nesse sentido, a literatura faz manter viva essa memória de outros tempos, as palavras fazem com que inúmeras vezes o passado e o presente se encontrem, e assim seja possível reviver tradições.

A poesia de Chloris Casagrande Justen, de forma minuciosa e sensível, faz emergir muitos traços culturais. Antonio Donizeti da Cruz observa que “O poema é a metáfora do que o poeta sentiu e pensou. Essa metáfora é a ressurreição da experiência e sua transmutação.” (2010, p. 65).

No poema “Contrastes” são perceptíveis os resquícios de outras épocas:

#### CONTRASTES

No meu peito a melodia  
Canta canções sem palavras.  
Há murmúrios ritmados  
Em cantochões de mosteiros,

Silhuetas de outros tempos  
 Entre leques e minuetos  
 Há vozes roucas dolentes  
 Cantando chorados blues.  
 Há doídos banzos lentos,  
 Lamentos em fados tristes,  
 Belos arpejos trinados,  
 Um mundo rico de sons!

No meu peito há nuvens róseas  
 E nimbos de tempestades.  
 Há sons de sinos e timbales  
 Em catedrais submersas.  
 Há sonetos de Verlaine  
 E noturnos de Chopin,  
 Acordes de Debussy,  
 E sonatas de Beethoven.  
 Um som contínuo de Bach  
 Em cortejos de Dario.  
 “Tão longe”, de Carlos Gomes,  
 Embala as dores de amor.

Por que meu verso espontâneo  
 Não é cascata ao luar?  
 (Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 65)



Figura 12 – Musicerend gezelschap bij kaarslicht<sup>14</sup>

Fonte: Stella, Jacques. (1606-1657) [https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/114749--esmeralda-gomez-montero/music/objecten#/RP-T-1974-57\(R\),47](https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/114749--esmeralda-gomez-montero/music/objecten#/RP-T-1974-57(R),47)

<sup>14</sup> Tradução: Companhia de musica Rent à luz de velas.

Os versos ritmados do poema embalam a canção elaborada da poeta. No segundo verso compreendemos que não são necessárias as palavras para embalar as canções, bastam os diversos sons que aparecem para despertar a memória que é referenciada desde o início.

Os minuetos trazem uma tradição francesa, os chorados blues e banzos tristes compõem mais uma melodia nas lembranças do sujeito poético. A mistura de sons e culturas diferentes tem continuidade na segunda estrofe, Verlaine, Chopin, Debussy, Beethoven, Bach e Carlos Gomes: poeta, pianista, compositores, músicos; grandes artistas de outras épocas são rememorados no texto:

Ora, o 'tempo' a que remete o discurso, o tempo das mediações predicativas, é um tempo originariamente social. Social porque intersubjetivo, social porque habitado pelas múltiplas relações entre pessoa e pessoa, pessoa e coisa. E social, em um plano histórico maior, isto é, determinado, de cada vez, por valores de família, de classe, de status, de partido, de educação, sobretudo de educação literária, de gosto. O tempo histórico é sempre plural: são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que, por certo, atuam eficazmente na rede de conotações do seu discurso. (BOSI, 1977, p. 121. Grifo do autor.)

Essa memória lírica e social apresentadas nos versos é fundamental para sua própria descoberta enquanto poeta. A chuva de sons apresentada no poema, leva o leitor para lugares e tempos distantes, muitas vezes também para o desconhecido. A memória individual e coletiva são misturadas pelo sujeito poético. Nas palavras de Michael Pollak:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de 'vividos por tabela', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. [...] Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (1992, p. 202. Grifos do autor)

As referências históricas são refletidas por grandes artistas de muitas gerações que são destacados no poema, remetendo a uma memória coletiva que

parte da memória individual. Ao finalizar o poema vemos o questionamento da poeta “Por que meu verso espontâneo / Não é cascata ao luar?”, demonstrando o desejo de que seus versos embalem os pensamentos do leitor.

A figura 12 “Musicerend gezelschap bij kaarslicht” por meio dos instrumentos musicais, as roupas que os personagens usavam e o lugar com tradições antigas no qual parecem estar referenciam a cultura exposta ao longo do poema.

No próximo poema, a memória social aparece novamente:

### **Férias no Planalto Central**

Viagem dos Desembargadores  
do Tribunal de Justiça do Paraná  
e suas famílias, à Brasília.  
1970

No planalto central do torrão brasileiro  
Cantando belezas, louvando valores,  
Passeia e descansa, risonho e feliz,  
Um grupo sulino, que julga, encantado.

[...]  
Seus olhos conservam tão caras lembranças:  
A taça gigante do rico pinheiro,  
A verde floresta de escuros matizes,  
A jovem e bela Cidade-Sorriso.

[...]  
Gravar as minúcias da viagem notável,  
É anseio de todos em cada lugar.  
A uns é o povo que encanta e surpreende,  
A outros, as cores, o rio, a folhagem.

[...]  
Que igreja imponente na praça florida.  
O sol aquecendo o repuxo e a flor,  
A torre bordada louvando a fartura  
Que leva Uberlândia à vanguarda de Minas.

[...]  
Nas ruas estreitas que sobem e descem,  
Retrato perfeito da antiga Colônia,  
Outro Preto tem mais de riqueza na arte  
Do que na quantia do outro a brilhar.

Nos olhos, o passado com rendas e dor;  
Na mente, Marília e o amoroso Dirceu,  
A ação destemida dos Inconfidentes,  
Fazendo pulsar o amor ao Brasil.

[...]  
Cortando fazendas, no asfalto brilhante,

Guardando nos olhos belezas sem fim,  
O viajante do Sul, ao som de cantigas,  
Já vive as delícias de Poços de Caldas.

[...]

O grupo sulino, com seus magistrados  
Trazendo consigo Anhanguera e Atháide,  
Louvando Niemeyer e Francisco Lisboa,  
Conhece melhor, o Brasil, sua terra.

E vem comovido com a Pátria querida,  
Sonhando grandezas, criando esperanças  
De muitas tarefas de amor e venturas,  
Unidos na luta em prol da Justiça.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 104-110)

A viagem realizada pelos desembargadores do Paraná com suas famílias traz para o eu lírico muitas lembranças, ao mesmo tempo em que evidencia as belezas do Brasil. Segundo Paz:

O poeta não escapa à história, mesmo quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. Essa revelação é o significado último de todo poema e quase nunca é dita de maneira explícita, mas é o fundamento de todo dizer poético. (PAZ, 2012, p. 195)

É o caso do poema “Férias no Planalto Central”, a viagem dos desembargadores está atrelada à história, o homem que conhece outras culturas, o encantamento que o grupo sente diante dos lugares é evidente e fica marcado no poema, a região de onde eles vêm, o Paraná, também é reverenciada “A taça gigante do rico pinheiro,/ A verde floresta de escuros matizes,/ A jovem e bela Cidade-Sorriso.”

Nos versos “A uns é o povo que encanta e surpreende, / A outros, as cores, o rio, a folhagem.”, revela que o cada um grava em sua mente é peculiar, as impressões que um tem, podem não ser as mesmas do outro. Esse fato, é que leva também a memória individual e coletiva, o que é notório por um ser e que depois pode ser dividido com outros a partir das experiências vividas. Na sequência, as imagens que passam pela retina do eu poético mostram o que se destacou das cidades pelas quais o grupo passou: a igreja imponente, a torre bordada, ruas estreitas, as fazendas, Poços de Caldas.

A temática do poema explora a memória lírica, assim, como também, fica evidente o encantamento do sujeito poético diante de tantas belezas. O grupo sulino está conhecendo as belezas de muitos lugares do Brasil, juntos descobrem vários detalhes por onde passam. Entretanto, é necessário destacar que as impressões que cada um tem e guarda na sua memória é individual. Zilá Bernd, a partir de estudos de Halbwachs, tece comentários sobre a memória individual e coletiva:

[...] experiências mnemônicas, mesmo que vividas individualmente, como uma visita que fazemos pela primeira vez a uma determinada cidade, são coletivas na medida em que a experiência de outras pessoas participa desse encontro. M. Halbwachs nos ensina que, mesmo que tenhamos feito a viagem sozinhos, a memória é coletiva, já que, ao recordarmos as experiências ali vividas, o fazemos lembrando informações que nos foram transmitidas por pessoas que encontramos, por obras arquitetônicas ou pictóricas que foram elaboradas por determinado arquiteto ou pintor [...]. (2013, p. 29)

Nesse caso, a experiência foi vivenciada coletivamente, mas o modo como cada um armazenou isso na sua lembrança e depois apresentou é distinto, o que remete a memória individual. Porém, o fato de ter absorvido informações por meio de outros indivíduos e culturas faz com que a memória se torne coletiva. A respeito disso Bernd destaca que:

É bastante instigante a relação entre memória individual e memória coletiva, pois são os indivíduos que se lembram na medida em que fazem parte de um grupo. Mas as lembranças não aparecem da mesma forma a cada um deles, mesmo que as vivências tenham sido semelhantes [...] (2013, p. 30)

Na última estrofe evidencia-se o novo porvir desejado pelo eu lírico. Os lugares, pessoas e tradições que conheceu fizeram com que o anseio de sua nação ser melhor fosse aflorado.

De um modo distinto dos outros poemas, a temática da memória é realizada no texto “Retrato”:

### **Retrato**

Olhando esses olhos  
profundos,  
ouço tuas juras  
de amor.

O som melodioso  
da fala  
Envolve, inteiro,  
meu ser.

Suave sorriem  
Teus lábios...  
E o tempo inteiro  
Voltou.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 42)

No poema, a saudade, desencadeia o ato de lembrar. Pela memória do retrato, momentos vêm à tona para o sujeito poético. A lembrança é tão marcante que a audição é ativada, é possível ouvir a voz que ficou no passado. O sorriso, marca única em cada ser, também é lembrado.

A memória mobiliza a afetividade, o inconsciente e o metafórico reconhecimento da existência humana, na qual lembrar e esquecer são constantes. Imaginação e memória não são limitáveis, por se manifestarem interpenetradas, ao promoverem a recordação e, ao mesmo tempo, o esquecimento, sem o qual não se expressam as “imagens-lembranças”. O ato do sujeito poético de olhar para o retrato fez que o tempo voltasse.

É possível que o ato de lembrar faça emergir o sentimento paradoxal de que voltar ao passado, por meio da memória, pode causar no homem nostálgico tanto a felicidade por reviver os momentos passados, quanto a frustração por saber que se trata, apenas, de um mundo recriado.

Antes, o outro, era uma existência revestida pela própria poesia. Agora, está resumido em “retrato” – elemento inanimado em oposição à vivacidade do “rosto”. Por meio das palavras “O poema nos faz lembrar o que esquecemos: o que somos realmente.” (PAZ, 2012, p. 115). Toda a grandiosidade artística resultará entre o passado e o futuro, a ponte que os une é o presente, que agora ocorre somente pelas lembranças, assim como o retrato.

Em “Helena Kolody: presença infinita”, a saudade e a admiração, trazem versos de lembranças:

HELENA KOLODY: PRESENÇA INFINITA

Como posso falar de sua partida?  
Continuo vendo o brilho azul  
Do seu olhar profundo.

Continuo buscando sua voz,  
 No ritmo de sua poesia  
 Humana e bela.

Seu porte altivo e sereno  
 É tela renascentista  
 Nas minhas doces lembranças.

Quero viver o passado,  
 Encontrar a mestra, a deusa  
 Atena falando às andorinhas.  
 (Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 53)



Figura 13 – Círculos & Círculos. Pastel oleoso sobre tela (dimensão: 90 cm x 60 cm. – 1988) – de Antonio Donizeti da Cruz<sup>15</sup>

A consciência da saudade leva o eu poético a tencionar a tristeza recordada com o sentido da esperança do reencontro. O passado não se limita a ser recordado e se abre para o sentido da possibilidade ampliando-se os horizontes vivenciais, uma vez que a memória desconhece margens.

O fato de querer reviver o passado ultrapassa uma noção limitada e lógico-sequencial do tempo, organizada por conexões exclusivamente materiais. Um modo

<sup>15</sup> Premiado no Concurso Internacional de Poesia e Desenho “Lília A. Pereira da Silva”, Itapira – SP. Acervo de Helena Kolody (Doação à Poeta), Curitiba, 2001.

de permanecer presente é ser lembrado após a morte, é o que o sujeito poético faz ao lembrar a poeta curitibana Helena Kolody.

A admiração pela poeta curitibana fica clara nos versos de “Helena Kolody: presença infinita”, a poesia “humana e bela”, o porte “altivo e sereno”, são algumas lembranças do sujeito poético, além de chamá-la de mestra e deusa, o que reforça a enorme estima pela artesã da poesia mais uma vez.

Lembrar alguém que já não está no mundo material, faz emergir em nós a consciência da finitude desta vida, a mobilizar o nosso desejo de permanência, que se inscreve no ato de lembrar e também de fazer lembrar. É o que nos parece estar, também, no sentido melancólico do texto. A única garantia de alguma persistência, frente às transformações provocadas pelo tempo, é o que resta na memória.

Nesse sentido é que a figura 13 “Círculos & Círculos” foi selecionada, pois nela ampliam-se as possibilidades, não há margens para o que se busca, ao olharmos para o centro da imagem é possível sentir os versos “Quero viver o passado / Encontrar a mestra, a deusa / Atena falando às andorinhas”.

### 3.1 ATAVISMO E RESISTÊNCIA

De acordo com Bosi (1977), a lírica deve ser interpretada como resistência no sentido de confronto com a opressão e o sofrimento, e como nostalgia que propõe imagens positivas do passado. Quando se tem uma imagem muito positiva do passado, tem-se conteúdo para fazer uma crítica do presente, e assim resquícios do passado submerjam. Por pertencer resistente ao “tempo”, a poesia reveste-se de um papel social que interage com as expectativas de seus leitores, provocando também neles reflexões em torno de suas condições de existência.

No poema “Atavismo” a luz do outro reflete no passado:

#### **Atavismo**

E o homem descobriu  
No outro que passava  
A luz que o iluminou.

No âmago do ser,  
A ânsia da irmandade.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 64)



Figura 14 – De hulpverlening tijdens de watersnood van 1926, symbolisch voorgesteld<sup>16</sup>  
 Fonte: Toorop, Jan. (1926) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/6802--cindy-musters/art-nouveau-art-deco/objecten#/RP-T-1960-245,7>

Para o sujeito poético a impregnação do passado, o sentir e o fazer que vem por meio do outro é uma forma de luz e saber como continuar. A irmandade que aparece no texto está ligada a nostalgia do homem que quer, de alguma maneira, reviver seus antepassados para ajudar o homem de agora, o ser que está ao seu lado na jornada.

Ao observarmos a figura 14 “De hulpverlening tijdens de watersnood van 1926, symbolisch voorgesteld” é possível perceber a luz do outro que ilumina, as cores da imagem já direcionam para essa luz que é referenciada nos versos, a ajuda ao próximo pelo simples ato de compadecer-se pela necessidade de outrem.

<sup>16</sup> Tradução: Assistência durante as cheias de 1926, simbolicamente.

No texto “Heróis de Cervantes” outra forma de memória atávica é evidenciada:

### **Heróis de Cervantes**

Para Ivan, Márcio e Sérgio

De luzes e sombras caminhos se abrem.  
São lindas veredas, são amplos jardins.  
Nos jovens de hoje, iguais aos de ontem,  
A mesma esperança, o mesmo vigor.

No grande alvoroço da busca incessante  
O duro esgrimir do herói de Cervantes.  
No brilho dos olhos – a firmeza do aço.  
Na força do gesto – a vitória da ideia.

Assim decididos a vencer desafios  
Os jovens de hoje, de cenhos cerrados,  
Carregam consigo anseios e fé.  
Buscando valores há muito sonhados.

Quisera que vissem o orvalho da rosa,  
A mão que semeia, a brisa a soprar.  
Quisera que um céu sem nuvens ou sombras,  
Cobrisse o forjar de um glorioso porvir.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 50)

A poeta Chloris Justen pinta com novas cores o herói de Cervantes. Para a escritora, fazer uma referência a este herói é uma forma de mostrar para a nova geração os valores que podem assumir. Vê-se o atavismo ao comparar, na primeira estrofe, os jovens de hoje e de ontem com esperança e vigor.

Fazer alusão a um romance tão conhecido como do herói de Cervantes faz com que o sonho e a realidade estejam presentes no mundo tal como é, e naquele que pode ser idealizado pelos jovens. Na terceira estrofe a memória atávica pode ser claramente percebida no verso “Buscando valores há muito sonhados.”, esses valores que vão passando de geração em geração e que podem ser evidenciados pelos jovens de hoje, pois:

Mesmo quando o poeta fala do seu tempo, da sua experiência de homem de hoje entre homens de hoje, ele o faz, quando poeta, de um *modo* que não é o do senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo "eterno" da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrências, os dados que lhe fornece o

mundo de hoje, egoísta e abstrato. (BOSI, 1977, p. 112. Grifos do autor)

Na última estrofe o sujeito poético revela seu desejo de um novo mundo, com novos ideais, com pessoas que oscilam entre sonhadores e realistas, que lutam pelas suas aspirações, quem sabe como aquele mundo sonhado pelo herói de Cervantes e o anseio do orvalho da rosa, da brisa a soprar e um céu sem nuvens e sombras para os jovens de agora.

Chloris aborda novamente o tema do Natal, revelando também sua religiosidade:

### **Aleluia, Aleluia!**

Já é Natal outra vez...

Na busca de ceias e festas  
Os homens apressam o passo  
Fugindo da tosca choupana  
Que trouxe o Caminho e a Glória

A suave lição do Menino  
Perdeu-se na esteira do tempo.  
- “Vinde a mim as criancinhas”,  
É nuvem que se esfumou.  
- “Amai-vos como eu vos amo”,  
Neste agora é utopia.

São dois milênios de preces,  
Mais de mil anos de votos.  
Andrajos como em Bethanea,  
Maldades de Coliseu.

Já é Natal outra vez...

Minha ceia há de ser farta  
Na mesa do meu irmão...  
Dos votos farei ações,  
Multiplicando a partilha  
Na doce alegria do amor.  
Das preces farei venturas!

Aleluia, Aleluia!

Já é Natal outra vez!

(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 57-58)

Há, no texto, impressões de tradições e valores que mudam constantemente. Ao iniciar o poema com o verso “Já e Natal outra vez...” percebe-se a fugacidade do

tempo que o eu lírico se refere com o “outra vez”. Esse tempo tão fugaz e impetuoso que fez o homem esquecer o “Caminho e a Glória” que foram trazidos pelo Menino Jesus.

A religiosidade fica clara desde o título do poema, até os sutis detalhes, como a suave lição do Menino, ensinamentos que ele deixou para a humanidade, mas que “Neste agora é utopia.” As palavras do sujeito poético podem ser uma forma de se refugiar com as decepções que tem diante do ser humano que não conserva suas tradições.

Ao final do poema temos a repetição do verso “Já é Natal outra vez...”, porém agora é seguido da instauração do momento presente, no qual o sujeito poético segue as lições do Menino “Multiplicando a partilha / Na doce alegria do amor. / Das preces farei venturas!”. Os dois últimos versos retomam o título do poema e o verso “Já é Natal outra vez!”, que agora não termina mais com reticências e sim com uma exclamação, que sugere a alegria do período. Percebe-se que o desejo do eu lírico é que realidades passadas e presentes convivam de forma harmoniosa, mesmo sabendo que alguns valores são modificados, podem ainda ser partilhados.

Seguindo a temática que aborda o Deus-Menino, temos em “Peregrina” marcas atávicas:

#### PEREGRINA

A suave Maria Peregrina  
No íngreme e triste caminho  
Carrega um filho no ventre  
Sonhando tê-lo nos braços.

As dores do parto bendito  
Já cobrem seu rosto de suor.  
Também um suor como sangue  
Queima as faces de José.

O choro do Deus-Menino:  
Lágrima que apaga as dores  
Do corpo surrado do pai,  
Da alma da Mãe Peregrina.

A Estrela dirige os Magos.  
A manjedoura e o Menino,  
José, Maria e os pastores  
São na gruta a humanidade.

Ano após anos, em séculos,  
Homens e povos do mundo

Lentamente e em sofrimento,  
Buscam a união do Natal.

Na trajetória humana,  
A estrela é o Deus-Menino;  
Misericórdia e Amor  
É a prece da Peregrina.

(Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 107)



Figura 15 – Detailontwerp van een vrouwenhoofd voor een affiche voor het Internationaal Eucharistisch Congres gehouden te Amsterdam van 22-27 juli 1924<sup>17</sup>

Fonte: Toorop, Jan. (1924) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/183070--stijny/2/objecten#/RP-T-1990-2,0>

Reviver a história do nascimento do Deus-Menino, faz emergir no leitor resquícios desse momento que aconteceu há tantos e tantos anos. Da primeira a

<sup>17</sup> Tradução: O projeto detalhado da cabeça de uma mulher por um Afiche para o Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Amsterdam 22-27 julho 1924.

quarta estrofe a história é recontada, cada verso faz a imaginação ser ativada e visualizar cada cena que está sendo delineada. Esse sentimento de querer resgatar traços do passado, segundo Pollak é:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. (POLLAK, 1989, p. 9)

No poema, o sujeito poético não quer tratar de alguma religião específica, mas mostrar que na história do nascimento do Deus-Menino é possível resgatar a fé na humanidade, o que fica claro na quinta estrofe do poema ao falar da busca da união do Natal, um momento representativo e significativo para muitos ainda, época do ano em que, geralmente, as pessoas buscam uma maior união com a família e amigos. Essa memória atávica resgatada pelo poema “Peregrina” traz lições de amor, faz as pessoas repensarem sua vida, e ao olhar para esse nascimento veem no Deus-Menino e na Peregrina a estrela, Misericórdia e Amor.

Na figura 15 “Detailontwerp van een vrouwenhoofd voor een affiche voor het Internationaal Eucharistisch Congres gehouden te Amsterdam van 22-27 juli 1924” o olhar suave, os traços delicadamente delineados, a cor azul que lembra o céu e o dourado que pode significar a luz que o nascimento de Jesus trouxe para o mundo, são detalhes que reforçam a temática do poema.

No texto “Resistência”, a temática envolve o ato de perseverança e a aceitação do sujeito poético:

### **Resistência**

- Aceita, disse o vento a assoviar,  
Mesmo que a indiferença  
Mais forte que o minuano,  
Vergaste como um acoite.

- Aceita, disse o fogo a crepitar,  
Na pura voz da razão,  
Que profundo atinge a alma

Um sentido encontrarás.

- Aceita, disse o pássaro a cantar,  
É na doação do amor  
Que alcançarás harmonia  
Para a aflição do teu ser.

- Aceita, disse a brisa a murmurar,  
Só incontáveis murmúrios  
A iluminar mil facetas  
Hão de trazer tua paz.

- Aceita, disse a luz do arco-íris,  
O tempo que célere passa  
Transforma em vaga lembrança  
Todo o amargor que te fere.

Aceitar, indago aos céus!  
Sem compreensão, sem carinho,  
Sem afago, sem amor,  
Como aceitar e viver?  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 26-27)

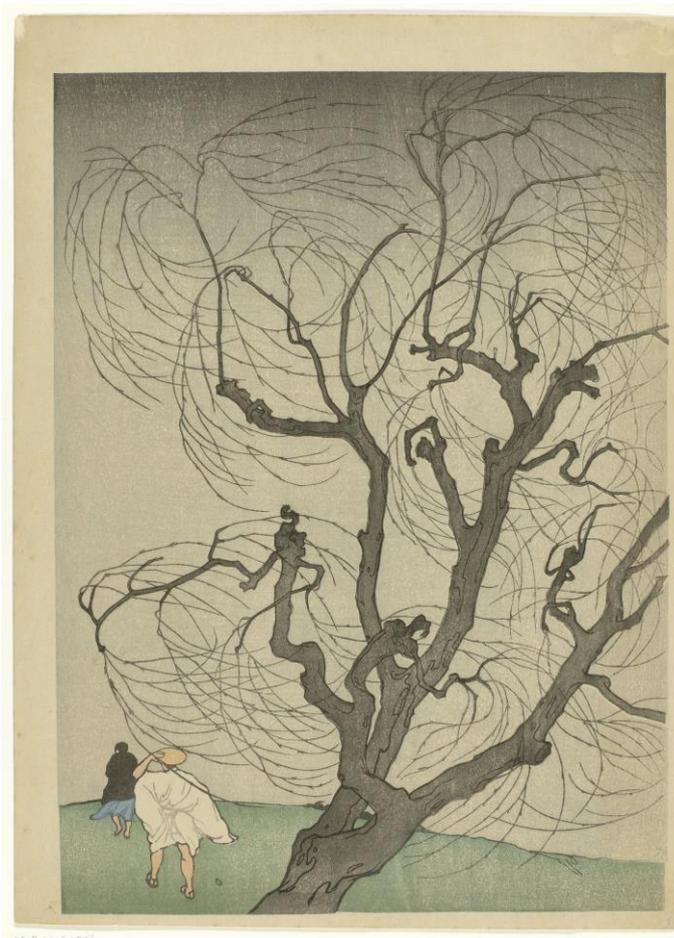


Figura 16 – Ein Windstoss<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Tradução: Uma rajada de vento.

Fonte: Orlik, Emil. (1901) [https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/149316--donna-sabean/trees/objecten#/RP-P-2007-706\\_0](https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/149316--donna-sabean/trees/objecten#/RP-P-2007-706_0)

A temática da resistência, assim como da luta estão presentes nos versos desse poema. Por meio de elementos simbólicos o sujeito lírico mostra que viver requer perseverança. Na elaboração densa de seu canto o eu poético revela a agudeza da consciência que corresponde a uma dor de viver ainda mais profunda e também a sobrevivência do sujeito.

Para o crítico, Alfredo Bosi (1977), o termo resistência na poesia deve ser entendido como um mecanismo de resistência simbólica à opressão, subvertendo a ordem estabelecida por discursos ideologicamente dominantes, e propondo implicitamente uma nova forma de organização social. Ainda de acordo com Bosi, a poesia deve revelar-se em duas dimensões necessárias ao entendimento de suas representações. Primeiramente, ela é o “ser” que comporta em si os elementos estéticos que a fazem existir enquanto tal, a saber, seus componentes sonoros, imagéticos e figurativos.

Nesse sentido é que o poema “Resistência” se aplica a esse contexto, pois essa força de resistir às tempestades se opõe ao deixar-se vencer. A repetição do verbo “Aceita” em todas as estrofes enfatiza o jogo de ganhar e perder. O aceitar no poema, não aparece no sentido de conformidade, pelo contrário, é o aceitar para pensar, observar e depois agir.

Vários elementos aparecem em todas as estrofes para reforçar a ideia de resistência e mudança: vento, fogo, pássaro, brisa, arco-íris. O vento que pode indicar mudança, o fogo que transforma o objeto, o pássaro e a brisa que sugerem leveza e ainda o arco-íris, um novo tempo.

Na última estrofe o sujeito poético demonstra ainda confusão em relação a sua existência, indaga aos céus e a resistência se faz presente no sentido de viver “Sem compreensão, sem carinho, / Sem afago, sem amor”. E termina com um questionamento “Como aceitar e viver?”, demonstrando também sua fragilidade diante da falta de sentimentos, por isso a dificuldade em aceitar e resistir.

O ato de resistir, a dor de viver e a sobrevivência podem ser visualizados na imagem 16 “Ein Windstoss”: as cores mais escuras, a árvore sem folhas, o vento que pode ser percebido pelo movimento da árvore e nas roupas das pessoas que estão andando, que ainda parecem estar sem rumo.

Em “Amanhecer” temos a ideia do recomeçar:

### **Amanhecer**

Quem luta, sofre e lamenta,  
Olhando a bruma que some  
Procura no amanhecer  
O recomeço da vida.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 69)



Figura 17 – Italian Landscape with Umbrella Pines<sup>19</sup>

Fonte: Voogd, Hendrik. (1807) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/148763--cristina-scalabrini/trees/objecten#/SK-A-4688,0>

Aqui, vemos o ser que resiste, o nascimento de um novo olhar diante da vida. As experiências vividas e o tempo representado pelo novo amanhecer são elementos que reforçam a ideia de recomeço. O eu lírico não se torna um outro, mas se liberta de algo que já não encontrava, é a bruma que some e o amanhecer que chega. Esse amanhecer que está representado na figura 17 “Italian Landscape with Umbrella Pines”, é a fonte de vida por meio da natureza, um dia para recomeçar, novos sentidos para o sujeito poético.

Chloris Justen também utiliza da poesia como forma de homenagear:

<sup>19</sup> Tradução: Paisagem italiana com guarda-chuva Pines.

## HOMENAGEM AO PROFESSOR

Na construção do futuro  
Há sementes germinando  
Conosco, frutos maduros  
Das muitas lavras passadas.

Nós somos o instante e o presente  
Lavrando na sementeira,  
Mudando a frente das gentes  
Que viverão o porvir.

Em cada face mudada,  
A essência de nossa messe,  
Marcando a força e o caráter  
De um mundo de novos sóis.

No futuro do futuro  
Seremos flores e frutos  
Vivendo em novas sementes  
As bandeiras que plantamos!  
(Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 55)

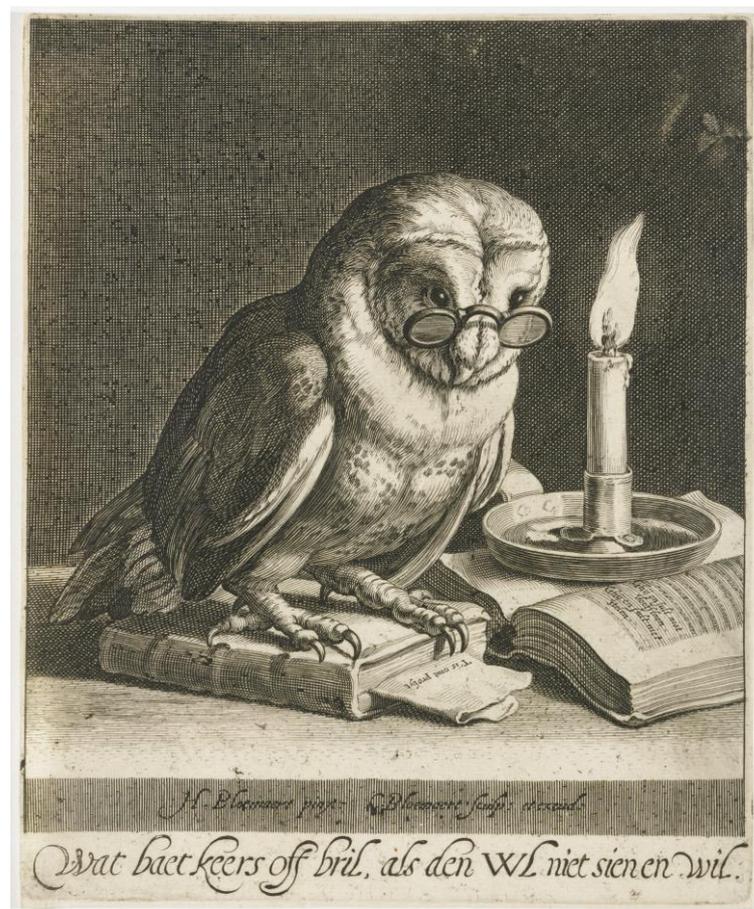


Figura 18 – Uil met bril en boeken<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Tradução: Coruja com óculos e livros.

Fonte: Bloemaert (II), Cornelis. (1625) <https://www.rijksmuseum.nl/en/my/collections/7871--ekaterina/birds/objecten#/RP-P-BI-1418,1>

Na fusão de todos os tempos – passado, presente e futuro – o eu lírico movido por um grito de fraternidade, ao mesmo tempo em que presta homenagem aos professores, também trata do tema resistência, que fica marcado desde a primeira estrofe, uma vez que é o professor resistente ao tempo por meio dos frutos que plantou. Para Alfredo Bosi “Resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente; e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro.” (1977, p. 191)

Os três tempos verbais intercalam-se durante todo o poema. Esses tempos são expressos através da voz lírica que ocupa o lugar de professor ao utilizar a aproximação em relação ao que está sendo observado “Nós somos o instante e o presente” e ainda “No futuro do futuro / Seremos flores e frutos”. Isso demonstra que o eu lírico encontra-se totalmente envolvido com essa profissão: Professor.

A forma como o sujeito poético conduz as palavras é significativa e demonstra a estima por esses construtores do futuro, fazendo com que muitos professores se orgulhem da profissão. Os versos “Em cada face mudada, / A essência de nossa mece,/ Marcando a força e o caráter / De um mundo de novos sóis.” reafirmam a capacidade que o professor tem de eternizar-se durante o tempo, cada gesto, palavra, ensinamento que conseguiu passar pela esteira da vida de outros faz essa perpetuação. A última estrofe por meio dos signos flores e frutos são a metáfora da continuidade idealizada pelo eu poético.

A escolha da figura 18 “Uil met bril en boeken” serve para reforçar a temática do poema “Homenagem ao professor”, pois essa ave, entre outros significados, também é o símbolo da sabedoria. Para os gregos, por exemplo, ela era vista como símbolo da busca pelo conhecimento, uma vez que é um animal noturno e para eles a noite era considerada o momento ideal para o pensamento filosófico.

No texto “Portais”, o fazer poético enquanto resistência:

#### PORTAIS

Sempre quis cantar beleza  
Espargindo como brisa  
Suaves, doces venturas.  
Fazer do meu verso forte  
O bálsamo e a esperança.

A angústia e o sofrimento,  
 A vida se incumbem deles,  
 Marcando a perda da inocência  
 À descoberta do ocaso.

Nascem flores entre as pedras.  
 Brilha o sol na madrugada.  
 Surge a bonança no caos.  
 Por que não cantar beleza  
 Abrindo portais de luz?  
 (Justen, *Essências transfiguradas*, 2011, p. 25)

Alfredo Bosi diz que “A arte resiste porque a percepção animista ainda é, ao menos para a infância e, em outro nível, para o poeta, uma fonte de conhecimento.” (BOSI, 1977, p. 157). Nesse sentido é que o poema “Portais” vai sendo esboçado, o eu poético deixa claro a dedicação e a preocupação com suas palavras “Fazer do meu verso forte / O bálsamo e a esperança”.

A segunda estrofe vem para mostrar que na vida já há os momentos dolorosos, a poesia existe para que um novo olhar aconteça:

A poesia leva o homem para fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é a sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem – esse perpétuo chegar a ser – é. A poesia é entrar no ser. (PAZ, 2012, p. 119)

A última estrofe apresenta um jogo dialético entre pedras *versus* flores, sol *versus* madrugada, bonança *versus* caos. É interessante pensar nessas antíteses utilizadas pelo eu lírico, enquanto a imagem da pedra dá a ideia de peso, algo sem vida, a flor remete a algo leve, a beleza, uma nova esperança, é a flor que surge mesmo diante da dificuldade de resistir à pedra. É essa beleza que os versos da poesia são capazes de trazer e a luz do sol surge quando tudo é escuridão. A beleza, a importância e a necessidade da poesia estão em cada detalhe:

Já disse que se nascesse um novo pensamento político, a influência da poesia seria indireta: lembrar certas realidades enterradas, ressuscitá-las e apresentá-las. Diante da questão da sobrevivência da espécie humana em uma terra envenenada e desolada, a resposta não poderia ser diferente. Sua influência seria direta: sugerir, inspirar e insinuar. Não demonstrar, mas mostrar. (PAZ, 1993, p. 146)

É essa necessidade poética que se apresenta nos versos do poema “Portais”, essa influência do sugerir, inspirar e insinuar teorizada por Paz é desejada pelo eu poético do poema, fazer com que seus versos sejam interpretados e possam refletir de maneira sensível no leitor, pois a poesia é isso, sensibilidade diante de cada signo poético escrito pelo artesão da palavra.

A temática do amor, resistente ao tempo, também faz parte da lírica de Chlois:

**Amor eterno**

Muito se diz  
que o amor  
é eterno  
enquanto dura.

E que amor  
é este  
que dura  
uma vida?

Que resiste  
à ausência  
e desfaz  
o tempo?

Que amor  
é este  
de sonho  
e lágrima

Que persiste  
sempre  
e não sabe  
findar?

(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 28)

Nesse poema ao mesmo tempo em que o sentimento de nostalgia invade o eu poético e esse amor tão resistente as barreiras do tempo sobrevive, também percebe-se um sofrimento muito grande, a falta do ser amado é sentida dolorosamente pelo sujeito poético.

É como se a dor dessa ausência atingisse para sempre e profundamente a existência de quem fica. A lembrança marcante desse romance, mesmo após todos os momentos vividos depois do amor que se foi é maior, é resistente, não se finda nunca.

Nos versos de “Garimpeiro” a ação de resistir ao tempo está metaforicamente representada pela imagem entrelaçada do cascalho e do ouro:

### **Garimpeiro**

No garimpo da existência  
Recolhe dentre o cascalho  
O ouro sempre escondido  
Em cada momento que passa.  
(Justen, *Jogo de luz*, 1993, p. 81)

São versos que sugerem que ao comparar a vida com o garimpo, assim como nele, na vida há também cascalho e ouro. Semelhante ao trabalho do garimpeiro, cada um precisa aprender a recolher o ouro que está misturado ao cascalho. O trabalho do garimpeiro é um trabalho árduo, sofrido, mas o brilho refletido pelo ouro, que está escondido entre o cascalho, precisa ser encontrado.

Assim, o sujeito poético de “Garimpeiro”, de maneira metafórica sugere que cada um, durante sua existência, em cada momento saiba procurar “O ouro sempre escondido”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Alfredo Bosi (1977) a poesia é inerentemente histórica. Ela tem por mérito o poder de promover novas formas de percepção da vida em sociedade. Tudo isso graças ao poder criativo do poeta, esse artesão da palavra que consegue trazer para o interior da sua criação todos os movimentos perceptíveis da existência, desde os mais delicados até os de natureza trágica.

A temática da memória é apresentada de muitas formas na literatura, tanto a memória individual como a coletiva estão presentes em muitos textos literários. Por meio das palavras, trazer resquícios do passado é uma forma de manter as culturas e tradições de outros povos vivas. Nesse sentido, a poesia de Chloris Casagrande Justen convida o leitor a mergulhar no baú das memórias e da imaginação para perceber o resgate do tempo que está atrelado aos seus versos. Paz nos diz que “A poesia exercita nossa imaginação e assim nos ensina a reconhecer as diferenças e a descobrir as semelhanças.” (PAZ, 1993, p. 147). Os versos justinianos apresentam constantemente relações entre passado e presente e, muitas vezes, ainda visualizam o futuro como forma de repensar nesse resgate de outros tempos.

Este estudo demonstra no primeiro capítulo que a poesia de Chloris Casagrande Justen, de modo geral, apresenta elementos simbólicos que remetem a imaginação, a criação de imagens poéticas e a constituição da memória lírica. O eu poético mergulha nas águas profundas do tempo. E apresenta, através de palavras, a realidade existencial do homem. Mostra-nos que, com o tempo, muito se transforma. Outro fator destacado nesse capítulo é a representação mimética ou sequência de imagens utilizadas nos versos.

No segundo capítulo pode-se verificar que os elementos Água, Ar, Terra e Fogo, também são grande vertente na poesia de Chloris. Esses elementos foram representados de várias maneiras, como, por exemplo: rio, mar, vento, pássaro, árvore, sol, dentre outros. Cada elemento que apareceu conduziu aos significados dos versos, fazendo com que as imagens poéticas fossem sendo contornadas e a temática de cada texto interpretada.

Assim como no primeiro capítulo, a temática memorialística pôde ser verificada novamente no terceiro capítulo. Entretanto, neste último os versos que envolvem também o atavismo e a resistência apareceram. A memória individual e coletiva foram frequentes nos poemas analisados, a memória dos nossos ancestrais

também pôde ser verificada. A temática da resistência apareceu tanto no sentido da escrita poética ser resistente ao tempo, assim como no sentido do amor, da persistência do sujeito poético diante do jogo da vida.

A maneira como a poeta escreve faz com que o leitor consiga ativar sua imaginação por meio dos versos que foram minuciosamente elaborados. O universo imagético e simbólico dos poemas apontam para o caminho da transformação, as imagens revelam uma multiplicidade de sentidos inesgotáveis apresentando uma vivência em que se interpõem perdas e ganhos, trevas e luz que são revivificadas pela memória.

A maioria dos poemas da escritora que tratam da memória, direciona para uma busca incessante de valores do passado e fazem emergir a consciência da finitude desta vida, mobilizando o desejo de permanência, que se inscreve no ato de fazer lembrar. Não se trata apenas de reconstruir o passado no presente da recordação, mas de reconhecer que a memória instala uma incessante tensão com o futuro. Esta memória, como baú vivo de guardados, imagens e lembranças são referências de conhecimentos construídos.

As imagens poéticas da poesia justiniana revelam não só o cotidiano de uma pessoa, mas o coletivo, o que favorece para o leitor uma possível compreensão pela via da imaginação, de realidades e sentimentos que fazem parte da vida. A memória tece e fortalece relações que de tão cotidianas passam despercebidas. Cada imagem, seja ela literária ou visual, se forma em torno de uma orientação fundamental que se compõe dos sentimentos próprios de uma cultura, assim como de toda a experiência individual e coletiva.

Pela lembrança, a poeta recria o presente, foge de instantes sofridos para se aconchegar em imagens e tempos de alegria e bem estar, até mesmo para reconstruir e renovar o presente e o futuro de forma harmoniosa, demonstrando de forma incessante a esperança no ser humano.

A memória exposta nos versos justinianos é abrigo das experiências e das recordações, é o recipiente em que estão trancafiadas as mais diversas sensações, os mais diferentes cheiros, os mais contraditórios prazeres, os mais recônditos desejos. Através da memória, o eu poético presentifica e eterniza o passado que se encontra diluído em suas recordações, e a partir do papel essencial da memória faz repensar sua condição enquanto ser que busca a transcendência.

A poesia de Chloris Casagrande Justen traz experiências cotidianas, porém com uma visão peculiar de cada tema que é abordado. Sua poesia é multifacetada, por meio do canto gratuito e imagético pluralístico, os versos convidam o leitor a mergulhar na profundidade de cada palavra elaborada pela poeta. De uma maneira especial, essa artesã da palavra vê, sente e interpreta o mundo, conseguindo de maneira única dar cor e brilho para seus versos.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013a.

\_\_\_\_\_. **A dialética da duração**. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988a.

\_\_\_\_\_. **A Poética do Devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.

\_\_\_\_\_. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise do fogo**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013b.

\_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Elyana. **Bachelard**: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A Queiroz, 1979.

BRITTO, Teresa Teixeira. **Chloris**: uma história de resistência. Curitiba: Gráfica Vitória, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia editora nacional, 1976.

CRUZ, Antonio Donizeti da. **Helena Kolody**: a poesia da inquietação. Marechal Cândido Rondon: Edunioeste, 2010.

\_\_\_\_\_. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FELICIO, Vera Lucia G. **A imaginação simbólica nos quatro elementos bachelardianos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

JUSTEN, Chloris Casagrande. **Essências transfiguradas**. 1. ed. Curitiba: Ed. dos autores, 2011.

\_\_\_\_\_. **Jogo de luz**. Curitiba: Artes e Textos, 1993.

LIMA, Amauri de. **Identidade, memória, oralidade e escrita em Narradores de Javé**. Cascavel: 2009, 109 f. Dissertação, Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 2009.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. A imaginação material e a poética das águas em João Cabral. Revista **Texto Poético**. v. 13, p. 97-113, 2012. Disponível em: <http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/view/112/109>. Acesso em: 12 de jan. de 2015.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

\_\_\_\_\_. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da Memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Shyrlei Maria de Andrade. **Alma Gêmea**: Tribulo a Chloris Casagrande Justen. Curitiba: Edição do autor, 2007.

SAMUEL, Roger. **Novo manual de teoria literária**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2002.